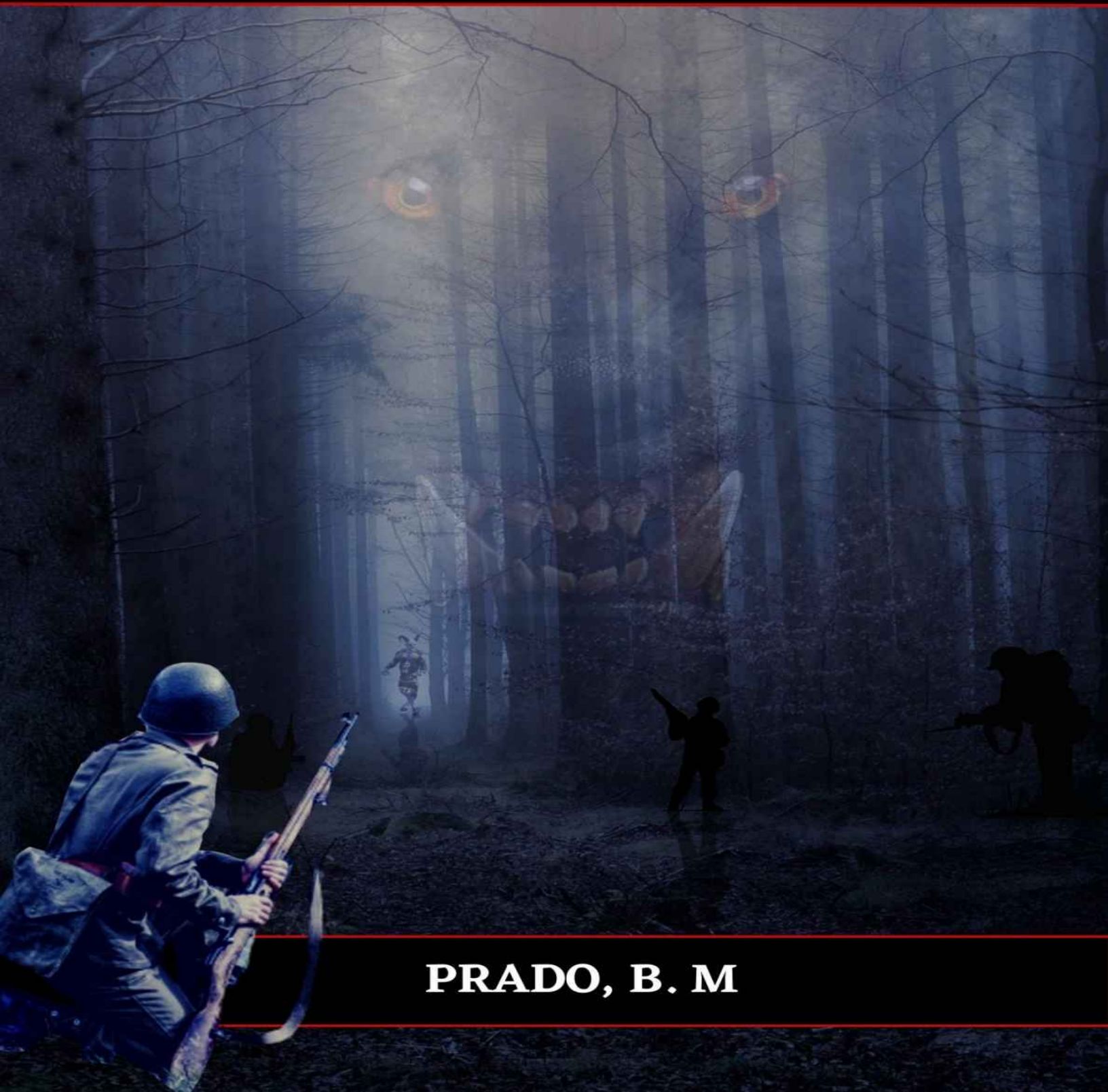


O BICHO DA FORTALEZA

A LENDA



PRADO, B. M



O BICHO DA FORTALEZA – A LENDA,
Marinaldo Barbosa Prado; 2020.
Vila Velha – ES, Brasil.

Nota do Autor

O “bicho da fortaleza”, o “lobisomem do Jequitinhonha” ou ainda o “bicho da carneira” é uma lenda muito bem conhecida pelo povo do Norte de Minas Gerais, Sul e Sudoeste da Bahia, no entanto ainda em outras regiões mais distantes como em São Paulo e Goiás é possível encontrar pessoas que conhecem a estória.

Esse livro foi baseado em diversas estórias contadas por pessoas distintas, mas literalmente todos os principais episódios narrados no livro são em parte conhecidos pelos contadores dessa lenda; a única exceção é sobre o suposto fim do “bicho da fortaleza”, desconhecido de todos. Há várias versões para o início da estória, sobretudo envolvendo o personagem que se transformaria no bicho, mas todas as estórias ao Norte de Minas Gerais dizem respeito a um sujeito de sobrenome Antunes (Joaquim Antunes?). No Extremo Sul e Sudeste da Bahia é possível encontrar narrações voltadas em torno de uma família muito rica e de

sobrenome “Leite” (Leite?). Embora prevaleça para a lenda a origem da atual Pedra Azul localizada ao Nordeste do estado de Minas Gerais e alguém com sobrenome Antunes, o fundamento principal da estória gira em torno dos maus tratos que um filho aplica à sua mãe e posteriormente a mãe o condenando a maldição a qual ele terá que passar. Outro fato relevante nessa lenda é que ela possivelmente tenha surgido entre as três primeiras décadas do século vinte. Não podemos afirmar a veracidade com exatidão do surgimento da lenda, mas um fato relevante diz respeito às idades avançadas de algumas pessoas que “afirmam” ter visto o suposto ser ou conheceu alguém que o viu, quando ainda eram crianças. Como se trata de um romance, os nomes dos personagens foram adotados para nomes mais comuns. Assim o livro foi escrito em romance configurando em um único enredo todos os “retalhos” narrados por diversas pessoas, cujo objetivo foi tornar mais ampla a lenda criada na Cidade de Pedra Azul.

O BICHO DA FORTALEZA - A LENDA

Escrevo com muito pesar estes relatos; espero que não digam nada antes que tenham terminado de ler todos. Não escreverei tudo de uma vez, mas enviarei para vocês aos poucos, afim de que suportem o que segue como confissão. A minha intenção não é livrar o meu nome dos acontecimentos naquelas terras quando sobreveio sobre nós naquela época a maldição, mas quero que vocês saibam que o senhor Rafael foi um dos homens mais honestos e sinceros que eu conheci, e que ele sim, jamais teria feito mal algum a nenhum vivente. Pois bem:

No alvorecer do dia vinte e cinco de dezembro, há muitos anos atrás, rompia-se numa fazenda, mais uma vez, o trabalho dos agricultores, dos peões, das mães e pais que ali moravam. Todos estavam felizes, não só porque era apenas o Natal, mas também haveria de nascer naquele dia o terceiro filho da senhora Áurea e do senhor Augusto, donos da fazenda.

Os agricultores não plantaram nem os peões foram cuidar das vacas. Como de costume, todos eles trabalharam em prol de um grande banquete que fazia neste dia para comemorar o nascimento do menino Deus e do tão esperado caçula da fazenda.

- Nasceu – gritou a senhora Cândida – essa era sem dúvida a empregada mais velha da fazenda e sem dúvida a melhor parteira.

Bem longe já se podia ouvir a viola soar como timbre caipira dos parentes e amigos que vinham da vila próxima dali para verem o menino. Nem o churrasco, a caipirinha e nem mesmo a cachaça tiraram a atenção do povo, que ficou curioso para saber o nome do menino.

O senhor Augusto trouxe o bebê envolto em mantas e disse: – Essa criança que Deus nos deu hoje se chamará Lucas; Lucas Antunes, pois o meu amado avô era conhecido como Antunes. As pessoas aplaudiram a criança e a festa durou por todo dia.

A fazenda estava localizada na atual área do vale do Jequitinhonha, em uma vila chamada pelos seus habitantes de Fortaleza de Veredas.

O avô do senhor Augusto chamou a fazenda de "Trindade", devido ao fato de ali haver outras três casas próximas do enorme casarão da família. Do lado oeste do casarão ficava a tenebrosa mata chamada de "vale das sombras" e no interior dessa mata suspendiam grandes rochedos, que os moradores chamavam de “fortaleza”. Até mesmo os mais corajosos homens daquela região temiam entrar no vale à procura de algum animal quando esse se perdia do rebanho.

Do lado leste dava para ver os rebanhos de gado e muitos outros animais. À frente da sede tinha um belo jardim, que era cuidado especialmente pela senhora Áurea; não muito dali passava a estrada que conduzia para a cidade.

Rafael e Gustavo, os dois filhos mais velhos do casal, já frequentavam a escola quando Lucas nasceu. Sentiam vocacionados a serem políticos ou então médicos.

- Papai - dizia Rafael - eu quero ser prefeito para poder ajudar os pobres!
- Mas meu filho - sorria o senhor Augusto - existem milhões de pobres.
- Simples papai! É só eu ser prefeito várias vezes.

Gustavo pensava diferente, queria ser médico e ganhar muito dinheiro. Se os pobres quisesse ajuda teriam que pagar também.

O tempo passou, Rafael e Gustavo terminaram seus estudos do colegial. Nenhum dos dois comentava mais com o pai sobre seus planos. Era bom ficar na fazenda no meio de semana, porém no final de semana arrumavam as mochilas e se dirigiam para a casa da tia, na pequena vila de Fortaleza de Veredas.

- Papai, eu e Gustavo vamos hoje para a cidade – Rafael pediu timidamente.
- Para que? – perguntou o senhor Augusto.
- Para vermos os primos.
- Todo fim de semana vocês veem seus primos, será que não dá para ficar aqui hoje!
- É que hoje a tarde vai ter argolinha e queremos ir com eles.
- É! Hoje à tarde, argolinha, e o que os "senhores" vão fazer hoje à noite?
- Iremos para a casa da tia!
- Jovens, jovens..., espero que vocês não estejam aprontando; vão mais olhem lá!
- Pode ficar despreocupado senhor Augusto, nós temos responsabilidade.

Os dias e meses foram passando e todo final de semana os filhos do senhor Augusto escapavam para a vila. Seus pais pensavam que os jovens frequentavam a casa da parenta porque eles eram amigos dos primos, mas nunca tinha refletido que a senhora Maria, irmã da senhora Áurea, tinha duas lindas filhas, além dos três filhos homens, e essa era a razão pela qual Rafael persuadia seu pai para permitir sua ida à casa dos parentes.

Rafael se apaixonara por sua prima Luana quando eram colegas da mesma classe. Como se encontravam todos os dias, não havia necessidade de sair sábado ou domingo para encontrá-la. Quando concluíram seus estudos os jovens ficaram sem saída.

Eram raras as vezes que o senhor Augusto e família visitavam os parentes na cidade. Rafael não era besta. Pensou, maquinou, até que encontrou um jeitinho de ir ver Luana no final de semana. Mentia sempre para seu pai, dizendo que iria para argolinha ou para alguma outra festa, mas seu irmão Gustavo não havia suspeitado do namoro de Rafael com a prima.

- Gustavo – disse Rafael – vamos para a cidade hoje?

- Chega! Eu já estou cansado daquelas festinhas medíocres, você me chama e nem aparece. Afinal onde você fica quando não aparece nos rodeios?

Com esta pergunta Rafael mudou o semblante, ficou sem respostas e, em gagueira, respondeu:

- Ah, eu, eu, eu fico na casa de tia!

- Fazendo o que, se ela tem o costume de dormir cedo?

- Eu, eu, eu fico brincando de baralho com as primas!

- Rafael! Por que você ficou vermelho quando eu te fiz esta pergunta? Por acaso está mentindo?

- Está bom! Eu te conto, mas tem que prometer que ninguém vai ficar sabendo, a não ser nós dois. Sabe Luana? Eu estou namorando com ela!

- Você está louco Rafael! Já pensou se o papai descobre? Ele quer que nós nos casemos com moças de nome.

- E por acaso Luana não é da nossa família?

- Sim, ela é da nossa família, mas não é muito rica.

- E por que o papai se casou com mamãe se ela é tia de Luana?

- Irmão você tem que compreender que nosso avô materno naquele tempo era rico.

- Seja Luana rica ou pobre, eu irei me casar com ela.

- Se é assim que você pensa, vai em frente, da minha parte morre por aqui o assunto, mas você terá que ter coragem de enfrentar o velho.

Passados os dias, Rafael sempre se esquivava para não se encontrar com o pai; não conseguia olhar nos olhos do senhor Augusto como antes; imaginava consigo que seu pai já suspeitava de alguma coisa.

Embora o senhor Augusto de nada soubesse, estava mesmo acreditando que tinha alguma coisa errada com seu filho mais velho, pois esse passara a semana toda trancado no quarto e essa era a segunda semana que Rafael não mais pedira para ir à cidade. Entre quatro paredes úmidas, lá estava o jovem, tão jovem e perdido numa paixão lancinante. Em uma das paredes, tinha uma coleção de fotos de rodeio, das quais aparecia Rafael abraçado com a prima, nas outras fotos apareciam os irmãos de Luana.

Rafael pegava um pequeno lápis, escrevia, escrevia, mas não sabia o que escrevia. Pensava em mandar uma carta para a amada, contudo apenas redigia “te amo, amo-te tanto, longe de você é só meu pranto”, nada mais do que uma canção que aprendeu quando era criança.

Quando não escrevia nada, ficava olhando da janela para tentar avistar alguém no horizonte da estrada ou se algum de seus primos viria visitá-lo. A inquietação e o medo de Rafael aumentaram tanto, que ele preferia se enforcar a procurar na escuridão do íntimo a coragem que não existia.

Luana, Luana, Luana, repetia continuamente, olhava para os quatro cantos do quarto e apenas via os cantos. Por que sou um medroso, meu Deus? Perguntava, porém Deus preferia não responder.

Cansado de dar voltas pelo quarto, resolveu ir até a sala, pegou uma garrafa de bebida e voltou rapidamente para o quarto. Abriu-a, cheirou-a, apertava a garrafa nas mãos, mas não chegou a beber. Soprava um vento frio, que pela janela entrava, causando mais desânimo no rapaz que se martirizava pela paixão.

O silêncio gritava, quando Rafael foi interrompido por um barulho na porta.

- Rafael – batia apressadamente alguém – Rafael, Rafael.

- Quem é? Calma que eu já estou indo!

O moço aproximou-se da porta, olhou pelo buraco da fechadura e não viu ninguém.

- Rafael você já está dormindo?

Rafael abriu a porta ligeiramente e não viu ninguém senão seu irmão Lucas.

- Sim, eu já estou dormindo. O que você quer?

- Eu vi você passar na sala e achei que poderia estar ainda acordado.

- Já sei Lucas, você está com medo de novo, não é?

- Não, é que...

- É que você está com medo por que fica ouvindo as baboseiras que Gustavo conta.

- É! Eu estou com medo, mas veja só como o vento está forte, chega a assobiar.

- Entra, mas essa é a última vez que você dorme no meu quarto, uma porque já tem doze anos e outra é porque ronca demais.

- Obrigado!

- Deita e dorme!

- Por que você quer que eu durma logo?

- Sem perguntas, por favor!

- Está bom! Eu não vou falar quem eu vi hoje.

- Quem você viu seu pestinha?

- Quem eu veria senão Luana!

- Não! Você só pode estar mentindo para eu deixar você dormir aqui mais vezes.

- Ela foi até meu colégio e pediu para eu falar para você que ela está com muita saudade, disse também que se você demorar ela irá morrer de saudades. Desde quarta-feira que eu queria te ver, mas não te encontrei.

- Luquinhas, como você está ficando esperto igual o irmãozinho aqui..., mas você não falou para mais ninguém, né?

- Não, a Luana me pediu em lágrimas para guardar segredo. Apesar disso, eu sei que você tem medo do papai.

- Eu não tenho medo coisa nenhuma, simplesmente estou dando um tempo!

- Se você ficar dando um tempo, a Luana vai acabar desistindo de você. Por que você não conversa com papai a respeito da Luana?

- Ah, o senhor Augusto é muito cabeça dura!

- Não Rafael! Eu não acho que ele seja cabeça dura, hoje eu ouvi o papai dizendo que já está cansado de esperar uma decisão sua e do Gustavo a respeito do que querem da vida.

A visita inesperada de Lucas fez com que Rafael criasse uma coragem mais forte que o medo, que outrora o importunava juntamente com sua irmã incerteza.

Lucas dormiu e roncou, porém Rafael continuou acordado, pensando em Luana. Sabia que na manhã seguinte teria que enfrentar o velho, não tinha mais o medo. A sensação de que o mundo havia acabado passou; as pernas não mais tremiam e o friozinho nas entranhas não o incomodava como antes. Tudo parecia em perfeito equilíbrio perante a doce imagem de Luana beijando seus lábios.

Antes de o sol nascer, Rafael tinha descido até o rio para tomar banho, ao voltar encontrou a família tomando café.

- Como é Rafael, não vai se sentar conosco hoje também? – assim o intimou o senhor Augusto.

- Sim, sim papai, eu só tinha ido tomar um banho no rio.

- Está doente meu filho? Faz mais de duas semanas que não pede para ir à cidade. Você não brigou com nenhum dos seus primos não, hein?

- Não papai, eu não briguei com ninguém.

- Então porque está tão triste?

O coração de Rafael voltou a bater forte, seu semblante mudou; isso era normal quando ele se via em apuros. O medo havia o saudado novamente e o friozinho nas entranhas o incomodava.

- Calma Augusto, não precisa fazer tantas perguntas de uma só vez para o garoto.

Graças à senhora Áurea, Rafael acalmou se mais um pouco, cogitou consigo o que iria falar para o pai. Sentado à mesa, o rapaz olhou para a janela, viu o horizonte que tocava os céus, mas não encontrava a senhora coragem que o abandonara no momento preciso. O seu coração batia tão forte como os sinos da igreja, onde pensava em se casar com Luana.

- Ah papai, eu estou pensando nessa ideia de ter que ir estudar na capital. Não quero sair da fazenda.

- Bem! Eu não vou obrigar nenhum de vocês a ir embora para estudar. O que tenho hoje foi graças a muito estudo e muita enxada. Você e Gustavo já são

rapazes, se ficarem vão ter que enfrentar o trabalho árduo desta fazenda, e, se forem, terão que se esforçar para obter boas notas e serem excelentes profissionais. Quero que vocês decidam agora!

- Vou ser sincero, não quero estudar, não consigo ver livros na minha frente. Prefiro me matar de tanto trabalhar nesta terra e aqui morrer, pois foi aqui que eu nasci e aqui eu hei de morrer.

- Meu filho eu desejaria vê-los formados, sendo médicos, advogados ou algo de prestígio.

Rafael abaixou a cabeça sobre a mesa, não sabia mais o que dizer. O senhor Augusto já estava acostumado com as reações adversas do filho. Sabia que esse, quando nervoso, abaixava a cabeça para não falar nada ou então gaguejava e transpirava até mesmo no frio.

- E quanto a você Gustavo?

Gustavo era mais astuto do que Rafael. Não queria decepcionar o pai como o outro irmão que acabara de desistir dos estudos. Gustavo tinha plena consciência que se dissesse ao pai que não iria estudar, o velho iria ficar muito bravo.

- Papai, por mim, eu iria agora mesmo para Belo Horizonte. Daqui a sete meses é dezembro e o natal já está chegando. Mas, mais importante de querer ir sozinho para a capital, eu acharia melhor esperar o Luquinhas terminar o colegial, uma vez que só falta esse ano e o outro para ele terminar. Já pensou no Luquinhas ter que viajar sozinho?

Gustavo era com certeza o filho mais esperto daquele casal. Quando mentia para a professora e para seus colegas, mentia com tanta certeza que até mesmo ele se convencia das suas mentiras. O senhor Augusto deixou seduzir-se pela conversa de Gustavo: Lucas só iria terminar os estudos depois de quatro anos.

O silêncio voltou àquela sala, entretanto, Rafael continuava inclinado sobre a mesa. Falar para o pai que estava gostando da prima seria loucura, mas não falar seria covardia. Passaram-se os dias, as semanas, e ele sentia na alma o infortúnio do medo que o perseguia. Levantou a cabeça, passou a mão no rosto, olhou para a janela que estava à sua frente, viu todo horizonte, parecia que procurava a amiga coragem.

Rafael sentia algo estranho que não permitia que ele se levantasse do seu lugar. A queimação no estômago, o suor frio nas mãos, a falta de ar. Era agora ou nunca, pensava consigo.

- Papai - arriscou as primeiras palavras num embaraço de gagueira – eu queria que o senhor e mamãe ficassem sabendo que eu estou gostando de uma jovem em Veredas.

- Mas que moça é essa? – indagou o senhor Augusto.

- É a senhorita Luana.

Rafael não soube o quanto seu pai e sua mãe ficaram felizes pela atitude dele. Mal teve a aprovação dos pais, saiu disparado em seu cavalo para comunicar à sua amada a decisão de seu pai. Embora tivesse tido a aprovação de seus pais, Rafael teria ainda que pedir à sua tia que permitisse o seu matrimônio com a prima.

A mãe de Luana ficara viúva muito cedo, seu marido era comerciante e havia morrido de uma causa desconhecida. Deixou cinco filhos, sendo três homens e duas mulheres. Os dois rapazes mais velhos, juntamente com Luana, levaram a frente o negócio da família.

Luana ajudava sua mãe nos serviços de casa, mas nunca se limitou a ficar atrás dos irmãos mais velhos, era ela que fazia as contas do comércio. Com algumas economias conseguiram comprar um sítio, e do sítio, compraram uma pequena fazenda perto da cidadezinha de Fortaleza de Veredas.

Maria Murrae, esse era o nome da tia de Rafael, uma mulher de respeito e de muita garra. Depois de ter alcançado a aprovação dos pais, era ela que Rafael teria de enfrentar.

Naquela manhã, Luana estava muito triste na varanda de sua casa quando ouviu a voz do seu amor. Correu ao seu encontro não esperando que ele a saudasse como era de costume, abraçou e o beijou. Disse que estava ficando louca de tantas saudades porque não o via mais e não mandava recados.

- Calma Lu, estou aqui. Trago boas notícias: o papai e a mamãe permitiram o nosso namoro, mas falta falar com sua mãe, ela está?

- Sim, ela está, porém peço – tenha muita cautela, mamãe às vezes é sistemática!

- Mas se ela não permitir meu amor?

- Ela tem que permitir!

A razão da existência do homem, às vezes, parece ter sentido somente quando ele encontra sua outra parte, que muitas das vezes pode estar do outro lado do mundo, ou então cresce silenciosamente como uma plantinha no seu jardim. Tal razão, lógica e concreta, estava dentro do coração de Rafael. Cada passo que ele dava em direção à porta da casa sentia que o laço do medo estava se quebrando ao meio.

Não podia compreender o que o dominava naquele momento. Os olhos de Luana tinha sido sua mais necessária fonte de coragem, que outrora o abandonara sem nenhum compromisso de existir dentro do seu coração. Não compreendia e nem compreenderia o que o amor era capaz de fazer. Mas, ainda pensativo nas doces palavras da amada, logo chegou à sala.

- Bom dia tia! A Benção!

- Oh Rafael! Deus te abençoe! Que milagre é esse? Tinha tomado “chá de sumiço”?

- Não é nada disso não tia, eu estava com alguns trabalhos na fazenda, por isso não deu para aparecer.

O jovem deu uma rápida olhada nos cantos da sala, fazia algum tempo que não mais havia pisado ali. “Que saudades” – pensava consigo.

- Onde estão os primos?

- Os meninos foram para a fazenda, Lia ainda está dormindo e Luana deve estar na varanda. Você não encontrou com ela aí fora, não?

- Sim, eu a encontrei.

- Rafael, Rafaelzinho, tu não sabes como esta menina está esquisita. Quase não fala nada, sempre fica trancada no quarto. Está totalmente esquisita, que eu já estou ficando preocupada.

Rafael deu um sorriso disfarçado. Pelo menos era um bom sinal de que Luana o amava verdadeiramente.

- Que nada tia, as meninas, quando chega certa idade, ficam assim, estranhas e desnecessariamente mudas.

- É, vamos esquecer Luana. E seus pais, como estão?

- Estão bem, está todo mundo bem. Mas vamos falar de Luana.

- Como assim?

- Queira se sentar, tia.

Lentamente, a senhora Murrae se sentou, mas não deixou seus olhos se desviarem dos olhos de Rafael. O jovem parou em pensamentos, não sabia o que falar. Porém, se estava ali, tinha que falar.

- Vamos Rafael, estou esperando.

- Bem, tia, bem... Eu, eu, eu estou apaixonado por Luana e queria pedir a mão dela em casamento. Mamãe e papai permitiram que eu viesse aqui conversar com a senhora.

- Você só pode estar brincando. Você não está bêbado não, né?

- Não, eu não estou bêbado e nunca bebi e nem estou brincando. Se sim, na próxima semana nós nos casaremos. Se não, eu sairei pela aquela porta e nunca mais retornarei aqui.

- Se minha irmã e seu pai permitiram, eu também não vou impedir, mas deve prometer que a fará feliz.

- Sim, de todo meu coração, eu prometo. Eu repito e repetirei, eu a amo e irei fazê-la feliz.

Enquanto conversavam, Luana entrou na sala e contou tudo para a mãe. Esteve triste por não poder se encontrar com Rafael, mas agora se regozijava diante da coragem do seu futuro marido.

Passadas três semanas, o senhor Augusto deu a parte de terra que pertencia a seu filho mais velho. A terra ficava do lado oeste da fazenda, era fértil e tinha um

rio que vinha do "vale das sombras".

No dia do casamento, Rafael estava gradativamente nervoso. Luana, que dava lentos passos ao som da marcha nupcial, naquele dia estava muito mais bonita.

O pessoal da fazenda não parou. Os funcionários trabalharam com afinco para receber os convidados. A dona Cândida foi convidada por Rafael para ser sua madrinha. Não foi à toa o convite, dona Cândida sempre havia auxiliado na criação dos meninos e era tratada por eles como alguém da família.

Casaram com toda pureza e inocência que dois ternos namorados podem ter. Os olhos brilhantes da linda moça encontravam a cada instante os olhos do seu jovem noivo que tanto a amava.

Em trindade, as sanfonas e violas ressoavam uma maravilhosa melodia. Os convidados muito se alegraram com o casamento, fazia um bom tempo que mais ninguém havia casado naquele lugar.

Dos muitos amigos da família, via-se em destaque o senhor Antoni, que fora por muito tempo um dos mais dedicados cidadãos da pequena cidade e, por isso, era o delegado. Dois dias antes do casamento, chegara uma linda moça na cidade; os olhos curiosos a fitavam misteriosamente. Sua beleza era radiante que até os homens casados tomaram umas "bolachas" das suas esposas por olhá-la demais.

Um homem barbudo, vestido de um uniforme cheio de breves, foi ao encontro da moça e a beijou.

- A filha do senhor Antoni, ela voltou! - exclamou um dos curiosos. Não demorou muito para que toda cidadezinha ficasse sabendo que a filha do delegado havido voltado da Capital.

Gustavo não gostava de músicas caipiras por isso pediu à charanga que tocasse algumas "músicas clássicas". Ele não assistiu completamente o casamento, logo que havia saído ligeiramente em direção à fazenda para organizar a recepção para os convivas. Quando Gustavo retornou para a grande sala, avistou a linda moça, recém-chegada à cidade, ao lado do seu pai.

O rapaz chamou um dos criados e perguntou sobre a moça. O funcionário afirmou que a menina era filha do delegado e que ela era "estudada".

- Sinceramente eu não sabia que ela viria. Veja como é bonita!

Gustavo degustou por alguns segundos a esplêndida imagem da jovem.

- Sim senhor, ela é muito bonita, mas deve ter um pretendente lá pelos lados da Capital. – Insistiu o criado.

- Escuta aqui, vai até a mesa e traz para mim alguma bebida, eu irei servi-los pessoalmente.

O criado deu uma risadinha de "pilantra" e foi buscar a bandeja das "maquinações". Não demorou muito, e diante do delegado, encontrava-se Gustavo, tão jovial como nunca.

- Senhor delegado, quão grande alegria é poder vê-lo aqui. Já fazia alguns meses que nós não nos encontrávamos pela cidade. Queira servir-se!

- Também fico contente ao vê-lo, porém não se preocupe conosco, acabou de passar um servente.

- Então passou um servente aqui? É! nossos empregados são rápidos. Como posso ver, ainda estão com as taças cheias. Mal pergunte, mas o que ele serviu?

- Vinho suave!

- Prove isso aqui, senhor Antoni! E tu verás que jamais provou algo semelhante.

O velho pegou na taça desconfiando – Por que Gustavo fez tamanha insistência? – perguntou para si mesmo.

- E você não quer provar? – o rapaz perguntou para a moça.

Esta se entretinha com algumas amigas de infância e nesse exato momento não percebeu a presença do senhor Gustavo.

- Não quer provar? – perguntou pela segunda vez.

A moça voltou se para Gustavo, calaram os dois por algum instante, o tempo parou; os muitos convidados que atentamente observavam a moça, formaram focos precisos sem deixar escapar um único gesto que pudesse analisá-la. Olhos nos olhos e um sorriso disfarçado.

- Uma taça senhorita?

- Muito obrigado cavalheiro, mas já fomos servidas.

Gustavo sentiu seu plano falhar, porém sua esperteza, como a de uma raposa, não o deixou na mão. Por sorte do destino, Rafael e sua esposa aproximaram-se de Gustavo.

- Gustavo, está aqui? Eu e Rafael quase não o vimos na igreja – exclamou a prima.

- Eu e Rafael fizemos uma aposta: quem não casasse primeiro teria que ajudar na festa do outro, e assim foi.

A recém-chegada, ou seja, a menina dos olhos de Gustavo olhou encantada para a noiva.

- Luana! Não se recorda de mim?

Luana, que passou dias e mais dias concentrada para o casamento, quase não saiu de casa, e, por esse motivo, não sabia que a filha do senhor Antoni se encontrava na cidade.

- Oh, Marta!

Luana conhecia muito bem Marta, elas eram amigas desde a infância. Assim que a mãe de Marta morreu, o senhor Antoni sempre deixava a menina na casa da senhora Murrae, mãe de Luana. Até que um dia Marta viajou para cidade grande com sua tia, irmã do senhor Antoni. A noiva abraçou Marta por algum instante e as duas choraram de emoção pelo reencontro.

- Venha, quero que conheça meu marido! – disse Luana.
- Você pode apresentar também seu cunhado?
- Ah Marta, você acha o Gustavo elegante?
- Ele me parece encantador!

O servente e seu irmão tiveram que se afastar um pouco. Um para fingir que estava servindo e o outro para cumprimentar os muitos amigos.

- Rafael, eu quero te apresentar à Marta.

- Oi Marta, tudo bem? Como dá para ver, a senhorita é filha do senhor Antoni.

- Ah Marta! E esse é Gustavo.

- Prazer, Marta!

- Marta? Nome bonito! Eu sou Gustavo, primo e cunhado da Luana.

- Bem pessoal, eu e Rafael temos que cumprimentar os convivas – exclamou Luana, afastando-se de Marta e Gustavo.

- Saíram os noivos e se fosse um tanto conveniente, a moça olhava para Gustavo como se já o conhecesse desde há muito tempo. Gustavo por sua vez não conseguia pensar em uma única palavra para dizer à moça.

- A senhorita vai ficar na cidade?

- Eu vim visitar o meu pai, mas logo em breve estarei viajando.

- Não gostou do nosso fim de mundo?

- Eu gosto sim, foi aqui que eu nasci, mas não posso passar a vida inteira dependendo do meu pai.

- Nesse ponto eu concordo com a senhorita, porém quanto a ir embora não acho boa ideia.

- Aqui tudo é muito quieto!

- Eu gosto de lugares silenciosos, não agitados como esta festa; nasci na natureza, não consigo imaginar ter que ir embora um dia.

- O que pretende fazer? – a moça indagou.

- Por enquanto ouvir o canto dos pássaros, adestrar os animais, sentir o cheiro das rosas e dos lírios e amar alguém.

- Falando assim você parece um poeta.

- Por falar em poesia, a senhorita não desejaria ir comigo ver o pôr do sol?

- Sim eu irei, contudo não me chames de senhorita, mas sim de você.

Disfarçadamente, os dois saíram do casarão, andaram alguns minutos sem dizer nada um ao outro. Chegaram a uma colina próxima ao "vale das sombras".

- Veja, lá vai o sol mais uma vez! – Gustavo exclamou.

- É muito bonito – a jovem confirmou admirada.

- Mas eu não creio que o pôr do sol seja mais belo do que o nascer. Observe os pássaros retornando aos seus ninhos, hoje não ouvirei mais o cantar do sabiá.

- Há um ditado que diz "se chorares pelo sol não verás a luz das estrelas" – a jovem exclamou.

- Mas será que quando você for eu irei ver outro brilho além do seu?

- O que você quer dizer com isso?

- Quero dizer que me encantei com você!

Calaram-se mais uma vez enquanto o sol dizia adeus e, do outro lado, a lua fria e silente surgia na fantasia serena dos lábios quentes do amor. Os indomados corpos cintilavam seus olhares como os astros cadentes, que intrépidos invadiam o espaço desconhecido, quebrando corações. Já não existia volta para aquelas direções aonde seguiram. Os jovens se abraçaram e se beijaram no último canto dos pássaros, que ansiavam pelo ninho quente e seguro.

- E agora, pensa em ir embora?

- Sei lá, estou indecisa!

- Se você quiser, pode trabalhar como a nossa secretária, papai estava falando que iria contratar uma secretária, logo que Rafael se mudar. Eu prometo que você vai ganhar tanto quanto se estivesse em uma cidade grande. É só falar quanto quer ganhar.

Gustavo era destemido. Naquela mesma noite pediu o pai de Marta permissão para namorá-la. O velho que pressentia perder a filha mais uma vez, permitiu seu namoro com Gustavo, uma vez que esse poderia mantê-la na cidade por mais tempo.

Nada de estudos, nada de nada. Nenhum dos dois filhos mais velhos quisera seguir a vontade do senhor Augusto. Foram fascinados, antes de tudo, pela beleza feminina. Um casou e o outro estava completamente apaixonado.

Rafael recebeu sua parte de terra cheia de gado e outras criações. Luana se dedicou, decididamente, a transformar a terra que ganharam na maior fazenda da região.

Cinco meses depois, Gustavo casou-se com Marta e continuou morando no casarão de Trindade.

- Parece que nenhum dos meus filhos vai seguir o exemplo do pai. Eu sou o único deste lugar, com exceção do padre e do médico, que tem um diploma – exclamou o senhor Augusto.

- Não, não é só você meu senhor, esqueceu que a Marta entende também de muita coisa – a senhora Áurea lembrou.

O que parecia um sonho, depois de muito tempo se tornou realidade. Lucas entrou com alguns papéis no escritório do pai e gritava alegremente chamando pelo pai.

- Passei papai, veja as minhas notas. Neste ano que vem, eu irei para a cidade grande estudar.

- Ah, até que fim! Alguém aqui quer ir mais longe. Eu pensei que você iria fazer como fizeram seus irmãos. Já faz quase cinco anos desde que eles casaram e meu maior medo era ter que aceitar que todos viessem a ser matutos.

- Desistir? Nunca papai! Eu gosto da fazenda, porém sei que estudar é uma necessidade do ser humano.

O senhor Augusto abraçou o seu filho por alguns minutos e relatou sobre o bem e o mal que existem nas cidades grandes, explicou sobre as diversas áreas de estudos e ficou muitíssimo feliz pela decisão de Lucas. Dias depois, o senhor Augusto deu uma grande festa em despedida do filho. Essa festa foi muito mais ostensiva do que as dos casamentos que aconteceram quatro anos antes.

Todos os amigos da família prestigiaram Lucas com tantos presentes, que seria impossível levá-los todos para seu próximo destino.

- Vou sentir saudades.
- Não se esqueça de nós
- Estaremos rezando por você.
- Vai em frente amigo.
- Eu te amo meu irmão!

Estas e muitas outras palavras batiam nos tímpanos do jovem rapaz de dezessete anos. Emocionado e com muita satisfação, conseguia dizer obrigado.

No dia da viagem para Belo Horizonte, Lucas se despediu dos irmãos, das cunhadas e dos seus pais. Prometeu para seu pai que iria voltar na fazenda apenas quando tivesse terminado os estudos. O pai sorriu e a mãe chorou.

Aos poucos, Lucas foi se afastando sem olhar para trás, sumiu ao longe da estrada, no caminho que o levava para rodoviária. Longe do silêncio e da ignorância assim como seu pai dizia.

Rafael também encheu os olhos de lágrimas ao ver o irmão partir, enquanto Gustavo sorria e dizia que o irmão estava apenas caminhando para uma vida melhor.

Luana investiu seriamente na ideia de transformar suas terras na maior fazenda produtora de leite e carne da região. Com apenas cinco anos à frente dos negócios do marido, conseguiu expandir as terras e fechar contrato com uma fábrica de queijo e derivados do leite em uma cidade próxima dali.

Gustavo percebeu o progresso que seu irmão e sua prima faziam na fazenda ao lado. Queria, assim como o irmão, ter suas próprias terras. Foi conversar com seu pai e expôs sua ideia, pois já não aguentava mais ver Trindade do mesmo jeito desde quando era criança.

- Quer me abandonar Gustavo? – o senhor Augusto perguntou seriamente ao filho.

- Não, eu não quero abandonar o senhor. Quero somente que essa fazenda possa fazer progressos como a de Rafael. Eles já compraram a terra do seu João, e todo dia vai uns três caminhões buscar leite na fazenda deles.

- E você está com inveja?

- Não, eu não estou com inveja. Quero que o senhor invista também na produção de leite. Para o senhor tanto faz tirar o leite das vacas ou não, nós poderíamos ganhar mais dinheiro vendendo leite que somente gado.

- Meu filho, a terra que dei para Rafael é dez vezes menor do que a nossa fazenda, ainda que eles quisessem não nos ultrapassariam.

- Mas do jeito que estão indo não vão demorar muito para nos ultrapassar.

- Então você quer que nós dois passemos a concorrer na venda de leite com seu irmão?

- Quero que o senhor se junte com eles, e aí a fazenda passa a ser tão grande como era antigamente.

Dois dias depois, estava tudo combinado, a fazenda de Rafael voltaria a fazer parte de fazenda Trindade. Luana e Marta seriam as secretárias e Rafael e Gustavo os administradores.

Rafael voltou com sua esposa para o casarão dos seus pais onde desempenhava com afinco o trabalho ora realizado na sua terra.

Lucas, que partira para a capital e logo abandonou a casa do seu tio, gozava de uma grande reputação entre seus colegas e amigos. Todos sabiam que ele era filho de um rico fazendeiro, por isso era rodeado de bajuladores.

Todo mês o senhor Augusto mandava muito dinheiro para Lucas. Ele, inexperiente, sempre fazia a vontade dos colegas com festas e fanfarras para agradar sua turma.

Lucas era o melhor aluno da faculdade de Direito, pelo menos era isso que ele relatava para seu pai nas cartas que escrevia. Passados alguns meses, Lucas não mais contava como estava indo nos estudos, apenas pedia ao pai para lhe mandar mais dinheiro, pois precisava comprar livros e mais livros.

Certa vez, uma menina bela e popular da faculdade aproximou-se do garoto do interior. Esta se chamava Diana e sabia muito bem persuadir qualquer pessoa. Não demorou muito e Lucas já era um dos muitos com quem ela saía.

Certo dia, Diana convidou Lucas para ir a um "baile" noturno. Lá, rodeado de finas prostitutas, o rapaz deu sua primeira tragada no cigarro e se perdeu nas bebidas alcoólicas. Eles repetiram várias vezes essa aventura que saía muito cara para o senhor Augusto.

Diana mandou Lucas escrever uma carta para o pai dele, relatando que havia machucado o pé e precisava de um dinheiro extra para comprar uns remédios. Quando seu pai leu a carta, ficou muito triste, preocupado com a saúde do caçula. Mandou-lhe muito mais dinheiro e correspondeu dizendo que logo em breve iria visitá-lo.

A família de Lucas só não o visitou porque toda vez que eles escreviam para o rapaz, esse mentia, afirmando que estava sobrecarregado para dedicar um tempo mínimo à família. Assim foi por quase três anos, toda vez que Lucas sabia que estava mal em uma matéria, estudava, se esforçava e passava, mas nunca abandonava as farras.

Diana, como o destino a descrevera, por mais que se esforçasse não conseguia gostar do seu namorado. Ela era uma menina "solta" e jamais conseguiria gostar de homem algum. O ciúme de Lucas pela amada o escravizou. Ainda que soubesse das sem-vergonhices que ela aprontava, temia largá-la.

O tempo passou, infelizmente faltava apenas um ano para Lucas se formar. Diana desistiu dos estudos e virou mulher de cabaré. Como Lucas estava viciado naquele corpo, frequentava constantemente a casa noturna. Diana já não lhe dava mais atenção como antes, até porque ele não era o único interessado nela.

O rapaz foi fumar um cigarro nos fundos daquele cabaré. Injuriado com a vida e com todos, resolveu nunca mais procurar Diana. Choroso e lamentando a perda insignificante, andou três dias e três noites pelos quatro cantos da cidade sem saber o que fazer.

De volta às aulas, no ano seguinte, Lucas aproximou-se da garota mais tímida da sua sala. Essa menina se chamava Geovana e era ela quem ensinava Lucas as lições, quando ele tinha dificuldades. Na realidade, Lucas devia muito a Geovana, foi ela quem arrumou uma conhecida sua para cuidar do apartamento dele e também lhe ensinou quase tudo sobre a faculdade. O ingrato somente depois de muito tempo é que foi tratá-la bem, mesmo assim porque já não tinha Diana por perto.

Geovana era boa e honesta e desde muito tempo vivia apaixonada por Lucas. Nem precisou alguém lhe contar que seu colega estava só e ela já foi correndo oferecer ajuda para o rapaz.

- Vou me graduar neste ano Geovana e você também. Sei que errei muitas vezes te ignorando, mas pretendo pedir perdão pelos meus atos – foi assim que Lucas se justificou depois de ter cometido tantos erros.

- Não Lucas! Eu que fui uma boba e nunca vi a verdade que existe em você!

Lucas viveu três maravilhosos meses ao lado de Geovana, respeitando-a e a amando. Depois deste tempo a loucura pelas meninas de rua e também pelo álcool e cigarro o deixaram num "beco sem saída". Seus atos se tornaram ameaçadores para a amada, pois toda vez que ele bebia, agredia física e verbalmente a namorada.

Faltando apenas três meses para se formar, Lucas abandonou definitivamente Geovana, que estava grávida. A moça conseguiu o diploma, mas estava com a vida arruinada pelo colega de turma. Na mesma semana que Lucas foi graduado, ele recebeu uma carta que relatava a péssima saúde de seu pai.

No tempo que Lucas Antunes esteve fora, a fazenda de Trindade cresceu tanto, que quase sessenta por cento das terras daquela região pertencia à família do senhor Augusto. A produção de leite e seus derivados deram a essa família a denominação de os "Leites".

Luana teve três filhos com Rafael e Marta teve um filho com Gustavo. As coisas estavam muito bem para eles, exceto para o senhor Augusto, que enfrentava certa dor nos pulmões.

O pai de Marta, o senhor Antoni, também não se encontrava muito bem de saúde; não estava mais suportando o peso da muita idade. Ele queria abandonar a carreira de delegado, porém tinha que deixar um substituto. Seus oito soldados eram extremamente acanhados, não seriam responsáveis o suficiente para por ordem no povoado. O delegado, no entanto, nomeou um jovem de sua confiança. Esse jovem era um dos homens mais ricos daquela região, alto, forte e pai do neto do delegado. Sim, era Gustavo!

Decorridos alguns dias, Lucas chegou à fazenda Trindade. Tamanha foi a alegria dos seus pais, irmãos, cunhadas e amigos, com seu regresso à terra natal. Um mês depois da chegada de Lucas, o senhor Augusto morreu, vítima aparentemente, de câncer nos pulmões. Mais de mil pessoas acompanharam tristemente o cortejo fúnebre até o cemitério dos "Leites".

Para a senhora Áurea e seus dois filhos mais velhos, o que tinha acontecido era uma desgraça na família. Já para Lucas, o que acontecera era casualidade dos fatos, e foi melhor assim, visto que o velho estava sofrendo muito.

O advogado aproveitou a morte do pai para pedir a divisão das terras, logo que todas as coisas que os irmãos mais velhos faziam não lhe convinham. Queria sua parte, sua intenção era vender a terra e o gado e voltar para capital.

- Gustavo, Rafael e mamãe, eu os chamei aqui para que possamos dividir essas terras dentro das diretrizes cabíveis para o bem de ambas as partes – Lucas falou.

- Mas como você pode chamar isso de bem, Lucas! Nós passamos anos e mais anos trabalhando pesado para chegarmos onde estamos, e você quer dividir as terras sem mais nem menos? – Rafael replicou.

- Certo! Você e Gustavo juntamente com a mamãe podem permanecer unidos, mas a minha parte, eu quero. E como fiquei longe daqui durante muito tempo, tenho direito de escolher a minha terra, e, é claro que eu quero a parte da sede Trindade.

- Lucas! Você está passando dos limites. Todos nós sempre moramos nessa casa, você não pode nos obrigar a sair assim. E a mamãe, onde vai morar? – Gustavo questionou.

- Mamãe pode continuar morando aqui e, até mesmo vocês podem vir quando quiserem, mas essa é minha parte.

Foram muitas discussões até a fazenda ser dividida em duas partes. As terras de Rafael, Gustavo e da senhora Áurea eram muito maior que a parte de Lucas. Contudo, o rapaz conseguiu ficar com bons pastos, sem contar a mansão de Trindade, rodeada, agora por quatorze outras casas pequenas onde moravam os peões.

Apesar da terra pertencente à senhora Áurea estivesse sobre a responsabilidade de Rafael e Gustavo, ela continuou morando no casarão, juntamente com Lucas.

A inveja de Lucas o levou a fechar a estrada da sua fazenda que ligava à terra dos irmãos. Gustavo e Rafael não entendiam o porquê do rapaz estar agindo desse modo, mas também não o questionava.

A bela criança de outrora havia se tornado num sujeito perspicaz e meticoloso, capaz de passar por cima de tudo para derrubar o que seus irmãos haviam construído com muito esforço.

Todos os dias, ao cair da tarde, Lucas ia para vila de Veredas, bebia, embriagava-se, deitava com duas ou três mulheres. Quando retornava, discutia severamente com sua mãe, que sempre ficava a sua espera.

Rafael e Gustavo quase sempre convidavam a senhora Áurea para ir morar com eles, porém o coração de mãe sempre ama e pela razão que só uma mãe entenderia, ela acreditava que seu "menino" iria mudar.

Um dia a senhora Áurea recebeu uma carta enviada por alguém de Belo Horizonte para Lucas. Não hesitou em abrir e ler a carta. A correspondência era de Geovana e relatava que o filho de Lucas havia nascido. A moça deixou bem claro que estava disposta a perdoá-lo caso ele desejasse voltar e também promettesse parar com os vícios.

Na noite daquele dia, Lucas chegou extremamente bêbado, mal conseguia acertar a fechadura da porta; quando entrou viu sua mãe cochilando na poltrona.

- Mãe! – exclamou o rapaz.

- Lucas! Isso é hora? Você está se perdendo na bebedeira, meu filho!

- E daí? A vida é minha! Por que a senhora não vai encher a paciência daqueles desgraçados ao invés de atormentar a mim?

- Meu filho, não fala assim com sua mãe que tanto te ama!

- Ama coisa nenhuma. A senhora não passa de uma velha desgraçada que quer ver minha derrota. Onde está sua terra? Na mão do Rafael e do Gustavo. Quer saber de uma, a senhora deveria ir morar com eles em vez de me atormentar.

- Calma Luquinhas, você está bêbado!

- Vai para o inferno, senhora Áurea!

Toda noite era a mesma história. Lucas perdeu o bom senso. Mulheres e bebidas, bebidas e mulheres, dava no mesmo, e era sua mãe que sofria com a atitude irrevogável do advogado.

No dia seguinte, silentes árvores observavam tristemente mais uma vez a saída do rapaz rumo à cidadezinha Fortaleza de Veredas. Era uma sexta-feira à tarde quando ele se dirigiu para seu deleitoso ninho, um pressentimento de culpa o incomodava, porém nada e nem ninguém o convenceria dos seus erros.

Lucas odiava aquele povo com tanta raiva que, se ele tivesse o poder de destruir um por um, não hesitaria. Não tinha amigos, as únicas coisas que o confortava eram as prostitutas e as bebidas. Assim fez, montou no cavalo e foi a bel-prazer para o prostíbulo. Estar ali, onde os desejos dos extintos encontravam sua perfeição não era o maior erro de Lucas, seu maior erro era o egocentrismo e a inveja que nutria pelos irmãos.

A noite serena e contente trazia consigo um vento singelo e puro que tocava as mantas das grandes mães árvores envolto aos seus brotos. Descia da imensidão do Universo sobre os pastos esverdeados a claridade da lua que reluzia aos quatro cantos da Terra sua magnitude. Embaixo, no mundo dos mortais, um sujeito montado no seu cavalo entortava-se nas trilhas errôneas, na leveza dos passos adiantava o olhar para o horizonte onde não podia ver nenhum ser vivente que o saudasse.

O casarão, não tão distante dos olhos de Lucas, parecia dançar das lamúrias do seu dono. Na beira da estrada, dois véus voaram na direção do rapaz. De súbito, ele quase caiu do animal, pensando que se tratava de alguma grande ave que o importunava.

A suspeita do mistério corria seus olhos arregalados, o espanto das sombras trouxe aos seus ouvidos sussurros arrepiantes. O cavalo breiou como um carro que é freado, não ousava passar daquele lugar. Lucas, pressentido o peso das trevas deu fortes esporadas no animal; desceu do cavalo e o puxou severamente.

Duas meninas louras e de olhos azuis choravam na beira da estrada. Timidamente, Lucas foi se aproximando delas e perguntou o que elas faziam naquele lugar.

As duas crianças de mãos dadas responderam que há muito esperavam por Lucas e acrescentaram que elas choravam por ele, pois o rapaz um dia teria que carregar nas costas o animal, que o suportava agora e era maltratado. Lucas não deu a mínima importância para as crianças, seguiu seu caminho como se nada tivesse acontecido.

A senhora Áurea, como sempre, esperava pelo seu "menino". Lucas nada falou quando entrou em casa; pela primeira vez dormiu sem se frustrar com alguma coisa.

- Oi Luquinhas, como vai? – a senhora Áurea perguntou no outro dia.

- Vou de mal a pior!

- Tenho uma coisa para você! Recebi uma carta endereçada ao seu nome, guardei e acabei me esquecendo de entregá-la a você.

A senhora Áurea havia esquecido que tinha lido a carta e acabou entregando-a para seu caçula, aberta mesmo. Este foi o primeiro dia que aquela mãe temeu o filho desregrado.

Lucas reclamou que a carta estava aberta, depois a leu silenciosamente na frente de sua mãe; fitou-a e, em seguida, se jogou na poltrona. O silêncio do rapaz era bastante retumbante para sua mãe se comparado com os seus gritos.

O jovem com suas pupilas saltando e a boca espumando de raiva, levantou friamente da poltrona, olhou para sua mãe e meneou a cabeça. O seu corpo tremia pela ação nervosa e seu coração batia brutalmente.

- Pegue suas coisas e suma da minha frente – disse o rapaz enfurecido à sua mãe.

- Mas para onde eu vou?

- Vai morar com seus filhinhos queridos ou então vai morar com o capeta.

- Como você ousa falar assim com sua mãe?

Eram dez horas da manhã de sábado, não tinha nenhum peão por perto do casarão e as empregadas quase não iam à grande sala. Lucas furiosamente pegou a senhora Áurea pelos cabelos, justamente aquela mulher que tanto se dedicara a ele; subiu as escadas arrastando sua mãe até o quarto dela, e lá, de tanto espancá-la, ela desmaiou.

Lucas amarrou sua mãe na cama com cordas usadas para amarrar os animais, trancou a porta e desceu para a sala como se nada tivesse acontecido. Quando dona Cândida veio a casa para visitar a senhora Áurea, Lucas a impediu de subir até o quarto da mãe; disse que a senhora Áurea estava com uma forte dor de cabeça e precisava descansar.

A noite caiu e mais uma vez o jovem rapaz montou em seu cavalo e se dirigiu para a cidade. Quando retornou já era aproximadamente umas três e meia da manhã. Abriu a porta, antes de ascender a luz, ouviu crianças chorando. Assim que ligou a luz viu diante de seus olhos sete crianças brincando de roda no meio da sala.

- O que vocês fazem aqui? – Lucas perguntou com a voz trêmula.

- Estamos esperando por você, esperando e rogando pela sua alma. Venha, entre na roda papai – Exclamou uma das crianças.

- Mas eu não sou pai de nenhum de vocês. Saiam daqui, essa casa não pertence a vocês.

As crianças começaram a chorar. Fizeram uma fila e subiram a escada. Chegando à frente do quarto de Lucas, entraram e desapareceram. O jovem sentou na poltrona; ele estava ficando louco e obcecado para ver as desgraças dos outros. Ora pensava em vender a terra para os irmãos e ir morar em Belo Horizonte, ora pensava em matá-los e tomar posse de todas as terras da família "Leite".

Em seu pensamento havia decidido que assim que amanhecesse iria matar seus irmãos juntamente com suas esposas. O que ele não esperava é que Gustavo e Rafael sempre andavam armados e que todo domingo eles iam cedo para a sede visitar a senhora Áurea.

Lucas subiu as escadas, entrou no seu quarto e olhou para todos os cantos para ver se encontrava as crianças, lembrou que na noite anterior havia encontrado com duas meninas à beira da estrada e começou a gritar para os fantasmas aparecerem. No mesmo momento, Lucas se lembrou do que tinha acontecido também na manhã anterior. Correu até o quarto da sua mãe, abriu a porta e deu de cara com a senhora Áurea, que estava toda roxa de tantas pancadas que recebeu do próprio filho.

- Eu pensei que a senhora estava dormindo! – o delinquente exclamou.

- Eu já dormi muito hoje, seu covarde! – retrucou sua mãe.

O rapaz sentou numa cadeira próxima da cama, tirou do bolso um cigarro, acendeu e continuou falando.

- A senhora sabe que eu estou ficando louco?

- Dá para notar! – a senhora Áurea respondeu com a voz cansada.

- Eu vejo crianças vagando por essa casa, pelo campo, elas sorriem, elas choram, brincam e brigam entre si. É assim que é o ser humano.

- Me desamarre dessa cama agora! – a senhora Áurea exclamou chorando.

- Isso é um pedido ou é uma ordem? Eu devia deixar a senhora apodrecer nessa cama, mas não, eu sou bonzinho. Queria que eu fosse para a capital para se livrar da minha pessoa! O Rafael era o primogênito. Gustavo ainda hoje é considerado um dos homens mais valentes e corajosos deste lugar. E eu? Quem sou

eu? O nada! Formei-me em advocacia. Isso aqui mal tem uma prisão. Não existem tribunais nem fóruns aqui, exceto se um destes fazendeiros aí criar um tribunal dos animais e chegar para mim e dizer: - senhor Lucas, defende meu boi porque ele pulou a cerca do meu vizinho e estuprou a vaca dele – né mamãe? A senhora é prepotente, o papai era prepotente, todos vocês são prepotentes. Queriam que eu fosse para a capital para ficarem com minha parte e eu de bobo acreditei. Eu devia por uma sela em ti e fazer de ti uma mula; cravar minhas esporas em seu ventre e chicoteá-la na cara. Você é me enoja, sua velha miserável.

- Você está delirando Lucas!

- Estou? Ah, ah, ah. Amanhã a senhora vai ter uma surpresinha.

- Quando seus irmãos souberem o que você fez comigo, eles vão tomar uma decisão drástica a seu respeito.

- Ah! Então a senhora continua do lado deles? Pode ficar do lado deles. Eles não vão saber que isso ocorreu nunca e nem a senhora poderá ficar do lado deles, porque daqui para amanhã eles não vão ter mais lado.

- O que você quer dizer com isso?

- Quero dizer que vou matá-los!

- Você não pode fazer isso Lucas, não pode...

- Cala a boca! – Lucas tremia as mãos ao acender o cigarro –. Veja o papai, ele era um homem sério, mas não passava de uma chaminé viva. Fumava um charuto atrás do outro a ponto de ficar com câncer, porém eu pensava comigo: pobre papai; é tão rico e não tem cura para seu mal. Quando ele morreu, muitas pessoas comentaram a causa de sua morte. Ouvei dizer que "ele vivia para o cigarro". As pessoas são falsas, eu sou falso, a senhora é falsa. Ninguém tem o direito de julgar uma pessoa sem ter provas concretas contra essa pessoa. Eu pensei comigo: o papai está cuspiendo sangue, está tão fraco que dá dó. Vir visitá-lo seria um bem necessário tanto para mim como para ele. Assim eu o fiz, vim aqui nesse quarto, ele estava na cama deitado, estava tão magro, tão desgraçado que eu não pude suportá-lo. Papai me pediu para eu apertar sua mão, mas isso me causava nojo, então preferi dar-lhe um beijo na testa. Quando me aproximei daquele corpo amarelo tive a sensação que ele estava todo podre. Receei tocá-lo, mas o fiz. Passei a mão sobre o rosto dele e fui descendo até o pescoço. Não consegui ver os olhos do meu pai lacrimejarem, parecia uma ofensa à fortuna. O dinheiro poderia comprar tudo, mas não comprou. Toquei nele por um instante e, aos poucos, comecei a estrangular seu pequeno e magro pescoço em minhas mãos.

- Não, Lucas! Você não pode ter feito isso – exclamou a senhora Áurea em desespero e agonia.

- Mas eu fiz. Eu acabei com a dor do meu pai, e é por isso que os fantasmas estão me perseguindo.

A senhora Áurea agonizava de tanta tristeza pelo o que seu filho tinha acabado de contar. Ela estava com muita fome e principalmente com muita sede, porém Lucas ainda a mantinha presa à cama. Ele continuou dizendo coisas absurdas para sua mãe, que lhe implorava por um pouco de água.

Lucas aproximou-se de sua mãe, deu-lhe dois fortes tapas no rosto e disse para ela calar a boca.

- Olhe para mim Lucas – falou severamente sua mãe, segurando o choro – você fez do seu próprio sangue motivo de escárnio e ofensa. Criou seu tribunal para punir os inocentes e nos condenou...

- Fica quieta, senhora Áurea do mal. Saiba que vai ficar aí até morrer de fome e sede. O rapaz falou isso e passou seu calcanhar sobre a face da mãe, a fim de que sua espora cortasse o rosto dela.

Lucas, por um momento, viu tudo o que tinha causado de ruim para sua família. Viu seu pai morrendo, viu seus irmãos tristes ao dividirem as terras, viu as crianças o perseguindo; havia percebido que seu mal estava destruindo vidas e que neste momento era tarde demais para voltar atrás.

A senhora Áurea o interrompeu de seus delírios e pediu para ele olhar nos olhos dela pelo menos uma vez. Ele estava de costas para sua mãe, sentado em um pequeno banco tentando acender outro cigarro, e quando se voltou para frente, seus olhos fixaram aos olhos de sua mãe. O sague acima da sobrancelha escorria sobre o olho direito da mulher, e descia lateralmente; já o olho esquerdo, muito inchado, escorria lágrimas de dor e tristeza.

- Desgraçado de ti que ofendes aquela que te gerou; desde a manhã eu passei fome e passei sede e até isso você me negou. Pois quando chegar o dia de sua morte terá fome na terra, debaixo da terra, debaixo das águas e no inferno e, nem mesmo a mesa mais farta poderá saciar sua fome. Apenas o que colher lhe será útil, mas o que lhe for servido o matará.

O rapaz engoliu seco a fumaça do cigarro; um nó lhe formou na garganta; deveria continuar com sua atrocidade, mas ouviu o que a mãe lhe falou; meneou a cabeça, deu um pequeno sorriso no canto da boca e depois saiu.

Faltava pouco para amanhecer. Logo como era de costume, Rafael e Gustavo, passariam no casarão para levar a mãe à igreja. Todo Domingo eles visitavam a senhora Áurea e chegavam bem cedo à sede.

Lucas percebendo que lhe restava pouco tempo, não maquinou as mortes dos irmãos, contudo feriu sua mãe com mais alguns golpes e a amordaçou; saiu do quarto em direção ao cofre, pegou todas as joias e todo o seu dinheiro e também o dinheiro da sua mãe, montou em um cavalo e sumiu.

Na bela manhã de Domingo, cantava os pássaros saudando os dois jovens e suas lindas esposas que chegavam ao casarão, mas bem longe dali se esquivavam em caminhos errantes o sujeito delirante.

Entrando na casa, Rafael e Gustavo chamaram pela mãe, como ninguém respondeu, Gustavo subiu rapidamente as escadas, bateu na porta do quarto de sua mãe, mas ninguém respondeu.

- Eu acho que ela já deve ter ido para a cidade, Rafael.
- Sem nos esperar! Eu acho difícil.
- Ah, de repente Lucas a acompanhou.
- Não Gustavo! Bate mais uma vez.

Os irmãos ainda falaram, quando Gustavo ouviu um gemido vindo de dentro do quarto. Não pensou; meteu o pé na porta e lá encontrou sua mãe com o rosto todo ferido, as mãos e pés atados e com uma tira de pano e um pedaço de corda na boca.

- Corre Rafael – Gustavo gritou em desespero – corre!

Rafael subiu as escadas e também viu a maldade que fizeram com sua mãe. Os rapazes desataram a senhora Áurea, mandou chamar o médico enquanto eles iam cuidando dos machucados.

- Quem fez isso mamãe?

- Foi..., foi Lucas. Desde ontem cedo que ele me prendeu aqui e me disse coisas horríveis.

- O que ele disse? – perguntou Rafael, que não conteve as lágrimas diante daquela situação.

- Rafael e Gustavo prometam que isso só irá ficar entre nós e suas esposas?

- Não chore mamãe, estamos aqui com a senhora, não chore. Diga o que Lucas falou!

- Foi o Lucas, Rafael. Foi ele quem matou seu pai. Ele está louco, está perdido!

Rafael e Gustavo quiseram sair para tentar encontrar o irmão, mas a senhora Áurea disse que Lucas já estava muito longe e havia pegado as joias e todo o dinheiro para voltar para a capital.

- Quem pode garantir que irá para a capital? – Rafael questionou.

- Ele vai sim. Uma moça escreveu uma carta para ele, dizendo que estava com muitas saudades e que ele também já era pai.

- Que miserável! Miserável! Para ser sincero, eu não sei o que faria se o encontrasse.

- Calma Gustavo! Calma!

- É filho, tente manter a calma, como pede seu irmão. Eu como a mãe de Lucas fiquei muito transtornada quando ele me disse isso, porém, eu sei que Deus é

justo, e mais cedo ou mais tarde Lucas vai se arrepender.

- Como ficar calmo, mamãe. Veja a senhora! Ele quase te matou, e o papai, meu Deus! Papai era tão bom, nunca fez mal a ninguém. Quantas pessoas ele ajudou!

- Não chore meu amor! – disse Marta ao abraçar Gustavo.

O médico chegou, examinou a senhora Áurea, aparentemente ela estava muito machucada, mas nenhum osso havia sido quebrado. Saiu e ninguém lhe explicou o que verdadeiramente havia acontecido, apesar de o médico ser um grande amigo da família.

Cinco dias depois do ocorrido, Lucas chegou a Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Geovana não sabia que ele iria chegar, por isso não foi buscá-lo na rodoviária.

Lucas estava no ponto do ônibus e caía uma neblina fria que lhe refrescava a alma. Seus olhos certamente procuravam em todos os cantos o rosto loiro e os olhos azuis de Geovana. De repente, um jovem rapaz o abraçou sem mesmo que ele tivesse dito alguma coisa.

O rapaz alegremente conduziu Lucas a um carro e mostrou várias fotos que estavam no porta-luvas. Lucas pegou as fotos em que aparecia Geovana e ficou pensativo ao vê-las.

- Como ela está? – perguntou Lucas para o rapaz.

- Está bem! Quer ir vê-la? Eu te levo.

- Ficaria muito grato, Brendo!

O colega de faculdade de Lucas o conduziu por várias ruas daquela cidade até chegarem à frente do prédio onde Geovana morava. Lucas temeu ir vê-la, pois julgou que havia tratado a moça com desdém e precisava de um tempo para pensar.

- Geovana deve estar com muita raiva de mim. Ela deve pensar que eu não correspondo sua carta por falta de interesse, mas tem uma história que ela não sabe.

- O que é?

- A mamãe escondeu a carta que Geovana me enviou, e nunca me falou que alguém havia me enviado alguma carta.

- Sua mamãe é terrível mesmo, hem?

- Brendo, você tem que conhecer minha família, não passam de um bando de caipiras. Compreende?

- E seu pai? Você dizia que ele era formado.

- Assim que eu cheguei a Fortaleza de Veredas meu pai morreu.

- Lamento Lucas, lamento.

- Mas meu pai estava sofrendo muito, eu acho que a morte aliviou sua dor.

- É mesmo, eu concordo com você. Se for para ficar sofrendo em cima de uma cama, talvez seja preferível a morte.

Brendo percebeu que Lucas não ia ter coragem de visitar Geovana e seu filho. O rapaz estava barbudo e muito mal vestido. Então Brendo disse que poderia levá-lo para a chácara de sua avó. Lá, Lucas iria recompor as energias para encontrar-se com sua "amada". Sem muitos rodeios, Lucas aceitou, pois ele já havia frequentado muitas vezes a casa de campo da família de Brendo e sabia o quanto o lugar era belo.

Chegaram ao sítio dentro de uma hora. Ali conversaram o suficiente sobre os estudos, os primeiros dias de aula, as mulheres e as noites perdidas. Lucas falou da discórdia que tivera com sua família e mostrou a Brendo todas as joias que sua família o "doou" para ele abrir um negócio na cidade grande.

No primeiro dia Lucas fez a barba, cortou as unhas e usou roupas que Brendo lhe emprestou. Não foram pescar nem montar a cavalo; caía uma chuva forte, que obrigou os rapazes a ficarem nos recantos da sala ou da varanda, fumando, bebendo café e contando histórias de "águas passadas".

Quatro dias depois Lucas decidiu que era hora de ir ver Geovana e seu filho. Pensou certo o que iria dizer e com certeza Geovana iria aceitar suas desculpas.

Os rapazes agradeceram a vovó e partiram rumo à cidade. A chuva era forte naquele dia, mas mesmo assim Lucas não desistiu de ir visitar seu "amor".

- A chuvinha não deu tréguas, hem? - Lucas exclamou.
- Rapaz, aqui quando começa chover vai longe.
- Vai com calma pela estrada, não precisa se preocupar com minha chegada a tempo.
- Ah Lucas! Isso aqui eu conheço como a palma da minha mão.

Os rapazes voltaram a falar sobre Geovana, sobre os negócios e a respeito de tudo que os dois tinham conhecimento. A melancólica chuva impedia os rapazes de falarem baixo. Suas vozes confundiam-se com os fortes pingos sobre o carro e a visão do motorista turvava na névoa em frente ao para-brisa.

- Eu acho a Geovana muito simpática...

O carro, em um exato momento, deslizou no barro daquela inóspita estrada, caindo de uma perambreira de mais de sete metros. O céu calou os rapazes e não se ouviu voz alguma.

Na carcaça do carro nem um corpo habitava, contudo, mais adiante do acidente, os corpos silentes apenas pensavam, na velocidade da luz, sobre suas vidas.

Um dos rapazes rastejou pela lama até seu amigo, passou a mão no rosto do companheiro e tentou reanimá-lo. O líquido vermelho que escorria dos seus corpos, juntamente com a muita água que caía, transformou no meio das sombrias árvores um lago de sangue.

- Lucas - Brendo falou.

Lucas estava sangrando muito, mas pôde responder ao chamado do colega. Brendo que tinha se rastejado até seu companheiro, estava melhor que esse.

- Lucas, como você está?

- Não muito bem, eu sinto, eu sinto a sombra da noite, da noite sobre meus olhos!

- Não, Lucas! Você não pode morrer. E a Geovana? E seu filho?

Lucas levantou a mão e tocou a cabeça de seu colega. Sentia o infortúnio da sua hora, pois a dor emanava de dentro para fora. Sabia que não poderia e nem iria ver Geovana nunca mais em sua vida.

- Brendo! - disse Lucas - prometa-me que, se eu não sair dessa, você vai levar as joias para Geovana, por favor, prometa!

- Você não vai morrer Lucas! Nós vamos sair dessa.

- Nem que você pegue alguma daquelas pedras preciosas ou alguns cordões de ouro para você, mas prometa-me que irá levar as joias e o dinheiro à Geovana.

- Sim, Lucas! Eu prometo, mas com fé em Deus nós iremos sair daqui.

- Não, Brendo! Eu não creio que Deus vai me tirar dessa. A verdade é que na corrupção os homens criam um deus segundo suas necessidades. Eu prefiro morrer agora sem luz a ter que criá-lo. Eu tive muito tempo para isso e não fiz, agora é tarde, é muito tarde para aceitar o Deus que minha mãe tanto falou.

Ao terminar de falar, fechou os olhos e morreu. Brendo, com muitas dificuldades, arrastou o corpo do colega até a estrada. Chegando lá, também desmaiou.

Um entregador de leite, passando pela estrada, viu os dois rapazes caídos, e preferiu chamar a polícia. Os jovens foram levados para o hospital mais próximo, mas não tinha jeito, Lucas estava verdadeiramente morto.

A polícia conseguiu localizar a família de Lucas graças a um grande número de telefones encontrados no paletó dele.

Era aproximadamente uma e meia da tarde quando Rafael recebeu um telefonema: a polícia comunicou o ocorrido, onde e como havia acontecido o acidente. Rafael pediu a polícia para guardar o corpo até que ele pudesse chegar, dentro de três ou quatro dias, para sepultar o irmão.

Rafael reuniu a família e contou o ocorrido. Dona Áurea não suportou tal fato e passou mal. Gustavo e Rafael foram de carro até Fortaleza e de lá conseguiram um motorista e um carro maior para levá-los para Belo Horizonte.

Ao chegarem ao hospital que a polícia havia indicado, identificaram o corpo de Lucas, o caçula dos "Leites". Os irmãos se abraçaram e ambos choram.

- Quem foi que o recolheu? - perguntou Rafael.

- Foram meus homens - respondeu o delegado.
- Eles não encontraram uma maleta com algumas joias, não?
- Ah sim! Venha, eu vou te levar ao quarto de um rapaz que estava com seu irmão na hora do acidente. Ele está muito machucado, mas está consciente.

Entraram no quarto em que Brendo estava e logo o rapaz se assustou, pois ele julgou que os irmãos de Lucas só estavam ali por causa do dinheiro e das joias.

- Os senhores vieram buscar as joias? - Brendo perguntou.
- Calma rapaz! Só queremos conversar - exclamou Rafael.
- Pois se for sobre as joias, nem adianta. Eu prometi para Lucas que iria entregar tudo à Geovana.

- Quem é Geovana?
- Vocês vão dizer que não conhecem a Geovana? Geovana era a esposa do seu irmão.

Brendo, com muito receio deu o endereço de Geovana aos irmãos de Lucas. Eles saíram do hospital e foram à casa de Geovana e conheceram a bela mulher e seu filho.

Depois contaram para Geovana o que tinha acontecido. A reação não foi outra, ela entrou em desespero e foi preciso sedá-la para que aguentasse ir ver o corpo.

Rafael e Gustavo levaram a moça até ao colega Brendo. Quando ela viu o estado crítico que se encontrava o jovem, começou a chorar.

- Calma Geovana! Venha cá, abraça-me. Lucas me pediu para te entregar uma coisa.

- O que foi?
- O policial foi buscar, espere um pouco.
- Onde está o Lucas, Brendo? Por que ele não quis ver o filho dele?

O policial entregou a maleta para Brendo, e esse muito emocionado, passou a maleta à Geovana.

- Lucas mandou eu te entregar isso aqui Geovana, faça sua vida. Ele não vai poder vir te encontrar porque já é muito tarde para ele voltar para você. Ele também pediu para você dar um abraço bem forte no seu filho para ele.

Geovana, em soluços, chorou sem entender a vida. Enfim, o policial que acompanhava aquele drama, tomou a criança dos braços da mãe e o entregou a seu tio mais novo. A moça e o rapaz ferido foram levados para a capela mortuária do hospital, onde se encontrava o velório.

Ao cair da tarde daquele mesmo dia Lucas foi enterrado. Rafael e Gustavo levaram a cunhada para casa dela e prometeram ajudá-la em tudo que precisasse. Geovana agradeceu, porém ressaltou que com as joias e o dinheiro dava para "levar a vida", já que também era advogada.

Gustavo disse que eles ficariam na cidade por mais dois dias, esperando o laudo do acidente, e se Geovana precisasse de alguma coisa, poderia ligar para o hotel onde ficariam hospedados.

Na madrugada daquele mesmo dia um mendigo se encontrava num beco escuro; ele viu seu cachorro enfurecido, latindo para um homem bem vestido. Esse homem usava terno e gravata, mas parecia estar muito cansado.

Já longe ia o homem; o cachorro o perseguia. O mendigo chamou o cachorro, porém o animal não obedeceu a seu dono.

Entre uma esquina e outra, o mendigo perdeu o seu cachorro de vista. Caminhou mais um pouco e deparou com um poço de sangue, apenas sangue, e o esqueleto do cachorro mais adiante.

O morador de rua seguiu os rastros de sangue; as pegadas iam em direção a uma rua extremamente escura. Caía uma neblina fria em seu rosto; das profundezas da escuridão vinha um rosnado assustador.

O mendigo perguntou se havia alguém ali, mas ninguém respondeu nada. O silêncio tomou conta do seu coração enquanto tentava ver alguma coisa no escuro.

Aos poucos o mendigo pôde ouvir o som de um rastejar vindo em sua direção. Não correu, não se moveu, ficou parado no mesmo lugar.

Vinha e vinha em direção do morador de rua, que olhava atento para o escuro. Ele não sabia o que era ou o que seria, no entanto, suspeitava não se tratar de coisa boa.

Ali, debaixo da fria neblina, onde a luz do poste podia clarear um pouco, o mendigo viu a coisa mais tenebrosa que um vivente pôde ver.

Era um bicho ou monstro de aproximadamente dois metros de altura ou mais. Sua face assemelhava-se muito com a de um cão enfurecido, seu corpo coberto de pelos, era como se fosse a união de um cachorro e de um homem em um mesmo corpo.

Uma de suas mãos era igual a dos humanos e a outra era uma enorme pata de cachorro. Semelhantemente era sua boca humana com dentes de cão. Este ser apenas olhou para o mendigo, virou-se e foi embora.

Geovana, que tivera o dia agitado pela morte do "marido", se encontrava num sono profundo em seu quarto. Uma porta se abriu e outra porta também se abriu. A aberração estava diante do berço da criança; passou suas "mãos" sobre o bebê, com seu enorme nariz o cheirou, quis estrangulá-lo, mas não o fez.

O bicho tirou a criança do berço o estendendo até o teto. O menino acordou, contudo não chorou. Geovana acordou com o barulho do rosnado vindo do quarto da criança, caminhou lentamente pelo corredor da casa, desconfiada que tivesse algum ladrão querendo roubar as suas joias.

A moça viu a porta do quarto do bebê aberta, aproximou-se lentamente para tentar ver alguém. Para sua surpresa encontrou o monstro com o menino nos braços.

O bicho falava muitas coisas para a criança por entre rosnados e vozes, embora a criança nada pudesse entender.

- Eu ia te devorar, carne fresca, mas comi muitos gatos e cachorros pelo caminho, não sinto fome agora.

O bicho falou, e em seguida colocou a criança no berço, o embrulhou com a manta, virou-se em direção da porta e percebeu que estava sendo observado pela mãe do menino. Geovana, movida pelo medo, gritou bem alto por socorro. A aberração se jogou da janela do quarto, fugindo sem deixar rastros.

A mulher, ainda desesperada, ligou para polícia. Alguns vizinhos ouviram o barulho de algo muito pesado esmagando um carro. De certo, quando o bicho se jogou da janela do primeiro andar, caiu sobre o carro de Geovana.

A polícia, ao chegar a casa, encontrou alguns conhecidos de Geovana tentando acalmá-la. A polícia ouviu toda história, mas preferiu não acreditar se tratar de um monstro e sim de um ladrão com algum disfarce.

- Eu sei senhora que deve estar muito cansada, porém não podemos por em nossa ocorrência que a senhora viu um monstro tentado roubar seu filho – disse um dos soldados.

- Como os senhores explicam uma pessoa cair dessa altura em cima de um carro e nada sofrer? – replicou a moça.

- Bem, senhora! Recomendamos que vá descansar. Como o dia já está amanhecendo, vamos ficar por este quarteirão. Logo pela manhã vamos pedir para que alguém do nosso pessoal venha colher pistas desse suposto acontecimento. A senhora tem alguém para lhe fazer companhia?

- Sim! Tenho a babá da criança e um casal de amigos.

Pela manhã, Rafael e Gustavo receberam um telefonema da polícia convidando-os para comparecerem urgentemente ao cemitério onde Lucas tinha sido enterrado.

Os rapazes partiram para o cemitério. Quando lá chegaram, encontraram com o delegado e dois policiais que haviam acompanhado o enterro de Lucas.

- O que foi delegado? – indagou Gustavo.

- Vejam os senhores mesmo.

Gustavo e Rafael aproximaram-se da tumba do irmão, tinha um enorme buraco, a tampa do caixão estava quebrada e o corpo estava de bruços.

- Quem fez isso? – Rafael perguntou.

- É justamente a mesma pergunta que estamos fazendo. Nos meus muitos anos de polícia e delegado, eu nunca vi uma coisa dessas. Em minha opinião, creio

que alguém sabia das joias e veio aqui desenterrá-lo porque pensava que as joias estavam com ele.

Os rapazes compraram um novo caixão e pagaram para enterrar o irmão novamente. Em seguida eles partiram para a casa de Geovana a fim de avisá-la de que ela estava correndo perigo com as joias.

Os rapazes não encontraram a cunhada em casa, mas a empregada de Geovana relatou o que tinha acontecido e disse que a moça havia viajado bem cedo. Quando Rafael e Gustavo, juntamente com o delegado, já estavam saindo da casa de Geovana, chegou outra viatura ao local.

- O que faz por aqui, senhor delegado? – perguntou um dos policiais.

- Viemos atrás da moradora dessa casa. – o delegado respondeu.

- Nesta madrugada nós também estivemos aqui. Alguém, segundo a moradora, tentou matar o filho dela.

- Como assim?

- Segundo ela, um cachorro, sei lá; um cachorro homem ou "lobisomem" invadiu a casa dela e tentou matar o seu filho; quando o bicho a viu, ele se jogou daquela janela.

- Então deve ter alguma pista. – Rafael interrompeu.

Os policiais, juntamente com Gustavo e Rafael, movidos pela curiosidade, pularam o muro e se dirigiram até ao local onde o suposto bicho havia caído.

Os policiais espertos não encontraram nada. Rafael, com sua paciência, analisando cuidadosamente o carro, encontrou enormes pelos entre os cacos de vidro. Os policiais que estiveram no local, ficaram fascinados com a pista que o jovem havia descoberto, mas não deram crédito à história da moça.

No dia seguinte, Rafael e Gustavo receberam outro telefonema, logo pela manhã; era novamente o delegado os convidando para comparecerem ao cemitério.

- O que foi dessa vez? Rafael perguntou já muito cansado dos incidentes dos últimos dias.

- Venham aqui e os senhores irão ver!

O corpo de Lucas se encontrava do mesmo modo do dia anterior. Novamente os irmãos foram obrigados a comprarem um novo caixão e pagar para o coveiro enterrá-lo.

- O que o senhor acha disso senhor delegado? – perguntou Gustavo.

- Em minha opinião, eu acho que alguém continua pensando que as joias estavam com ele e veio revisar, tirar as dúvidas.

- E o senhor Gustavo, como também é delegado, o que pensa sobre isso?

- Eu não sei. Estou meio confuso!

- E o senhor Rafael, opina? – o delegado insistiu.

- Não sei. Mas eu estou com mau pressentimento!

Na frente do cemitério os irmãos e o delegado conversavam. De repente, eles foram surpreendidos novamente pela viatura dos outros policiais.

- Ainda bem, senhor delegado, que nós o encontramos – disse um dos soldados.

- Por quê?

- Porque precisamos conversar com o senhor, e de preferência em particular.

Afastaram-se um pouco apenas os dois policiais e o delegado. Na conversa que tiveram, eles falaram para o delegado que mais pessoas haviam visto o monstro; disseram também que vários boletins de ocorrência registraram o mesmo caso e acrescentaram que três corpos, ou seja, esqueletos humanos foram encontrados num beco escuro.

- Estão dizendo que um bicho está devorando as pessoas como aconteceu com o cachorro que encontramos? – perguntou o delegado a um dos policiais.

- Sim! E ainda chegamos à conclusão, não sabemos se o senhor vai acreditar, que é o corpo daquele rapaz que está se transformando em monstro na madrugada.

- E como os senhores chegaram a essa conclusão? Respondam baixo, pois os irmãos dele não podem ouvir.

- Primeiro nós fizemos a pergunta: por que o bicho apareceu para a moça? Por que ele não matou a criança? Por que encontramos aqueles pelos, justamente onde ele caiu? E por que já é a segunda vez que o corpo não está na posição normal?

- Apesar disso, testemunhas disseram ter visto alguma coisa esquisita pular o muro do cemitério. Nós rodamos o cemitério todo e encontramos arranhões perto daquela roseira, depois o senhor mesmo pode conferir – falou o outro policial ao indicar o lugar disfarçadamente com a cabeça.

- Bem! Eu particularmente não acredito, mas como os conheço há muito tempo vou lhes dar um crédito. Hoje à noite nós vamos ficar aqui de plantão, é claro sem os irmãos saberem. Qualquer coisa, a gente mete bala, mas para isso vamos precisar de mais três viaturas e uns vinte homens.

- Salientemos, ainda, senhor delegado, que a tampa do caixão não foi quebrada de fora para dentro e sim de dentro para fora.

- Bem! À noite estaremos aqui.

Rafael e Gustavo despediram-se dos policiais, pedindo a eles que se acontecasse algo novamente, podiam comunicar a eles urgentemente. Os irmãos voltaram para Fortaleza de Veredas não muito satisfeitos com os fatos ocorridos nos últimos dias.

Na noite, aproximadamente vinte policiais foram para o cemitério e se dividiram em grupos de quatro. Todos os policiais se instalaram por entre as

carneiras bem próximas da carneira de Lucas, muitos deles não acreditaram que estavam fazendo um trabalho daquele.

O delegado e outros colegas subiram em uma árvore, de onde podiam observar melhor a sepultura do rapaz. Esta operação foi feita sem que a população local ficasse sabendo.

- Pessoal, qualquer movimento na cova pode atirar, mas só atirem se o bicho sair; parece loucura, porém temos que fazer isso. Acontecendo ou não alguma coisa aqui, nada deve ser dito aos seus pais, mães, irmãos ou esposas. Se eu souber que alguém contou alguma coisa para o povo aí fora, vai perder a farda por falta de obediência ao superior - essa foi a última fala do delegado antes de dividir os grupos em suas posições estratégicas.

Na meia noite alguns policiais já estavam cansados de tanto esperar. Alguns começaram a cochichar sobre a loucura do delegado.

A uma e meia da madrugada, um dos policiais comentou com seu grupo que ele havia ouvido batidas de correntes e ouviu alguém chamar pelo seu nome. Outro afirmou que sentiu alguma coisa soprando ao seu pescoço e, um terceiro disse ter visto sair de algumas tumbas algo luminoso semelhante a uma névoa de gás. O medo tomava conta de alguns homens, mas nada visível a todos.

Às duas horas da madrugada, o silêncio falava mais alto que qualquer respiração. Ninguém esperava mais nada, quando, de repente, todos os vinte policiais ouviram um grito vindo da tumba de Lucas. O grito parecia de uma pessoa que estava agonizando nas chamas inextinguíveis do inferno.

Todos olhavam atentos para o sepulcro, os que cochilavam estavam mais vigilantes do que serpentes e os que duvidavam passaram a acreditar. Os corações batiam em ritmos descontínuos diante dos gritos que ouviam.

O espírito que vagava na beira dos portões do inferno estava de volta àquele corpo, pois ele era proibido de entrar para a região dos condenados, porque lá não tinha alimento para ele.

Os jarros tremeram; olhos atentos. Toda terra que cobria a cova foi jogada para cima de uma só vez. O cheiro de podridão e enxofre se misturava ao ambiente sombrio.

O monstro olhou ao seu redor, não viu ninguém. Não era bem um monstro, era um corpo de um homem em estado de putrefação, que ao dar seus três primeiros passos, teve algumas partes da pele desmontadas pela fragilidade.

Os policiais atiraram no defunto com toda precisão. Ele saiu rastejando rapidamente por entre as carneiras, pulou o muro de cemitério e conseguiu fugir também da viatura que o esperava do lado de fora, sumindo numa rua escura.

Depois que o bicho fugiu todos os policiais ficaram pasmados, mas não deixaram de comentar sobre os tiros que acertaram na aberração.

- Vamos - gritou o delegado - não fiquem de conversa, aquilo não se trata de um bandido qualquer, mas sim de uma fera muito perigosa.

Os guardas rodaram por todas as ruas possíveis sem obterem sucesso. O delegado deu ordem para que dez policiais voltassem para o cemitério e esperasse pelo bicho.

Pelas três e meia da manhã uma moça de uma casa noturna ligou para a polícia. Quando o delegado chegou, com os seus homens ao local, pôde constatar que o bicho esteve ali, pois no banheiro masculino daquele lugar havia três esqueletos sem nenhum grama de carne.

O sangue, a cena, o banheiro, o povo assustado, as pistas e as dúvidas já estavam deixando o delegado fatigado com a história.

Às quatro e quarenta da madrugada, quando o dia já estava quase claro, um homem bem vestido entrou no cemitério, saldou os policiais e passou direto por entre eles.

- Calma aí, moço! - gritou um dos policiais – o que faz aqui uma hora dessas?

- Eu tenho costume de visitar o túmulo de minha mãe todo domingo senhor, e de preferência cedo! E os senhores todos bem armados, o que fazem aqui?

- Estamos numa missão.

- Dentro de um cemitério?

- Sim. Agora pare de fazer perguntas. Quem deve fazer as perguntas aqui somos nós.

- O senhor é um policiazinha muito mal educado. Eu sou advogado e posso processá-lo por isso.

- Não me importa advogadinho. Agora, caia o fora.

- Está bem! Mas antes eu quero saber o que os senhores guardam naquela cova aberta.

- Nem pense nisso. Se o senhor der mais um passo nós iremos atirar e o senhor vai ficar por aqui mesmo!

- Então pode ir atirando, que eu vou, eu vou!

O homem desobedeceu aos policiais. Ninguém o impediu de aproximar da cova aberta. Ele apenas olhou para trás, deu um sorriso debochado e se jogou dentro da cova.

Os policiais correram em direção da cova, pediram para ele sair, mas o homem não correspondia. Os policiais atiraram com toda raiva no homem. Esse não correu, não gritou e nem agonizou, pois naquele corpo não tinha espírito algum.

O delegado chegou ao cemitério e foi direto à cova do rapaz. O cemitério ficava um pouco afastado das casas e talvez, por esse motivo, nem um morador

ouviu os tiros e o desastre da policia.

- Vocês atiraram nele? - interrogou o delegado.
- Sim, mas só depois que ele se jogou dentro da cova.
- Os senhores deveriam ter atirado antes dele ter chegado à cova.
- Como assim? - perguntou um dos policiais.
- Isso é ele!
- O monstro?

- Sim. Quando ele saiu da tumba estava podre, como os senhores mesmo viram, mas ele matou três pessoas numa casa noturna e, nesse intervalo que saímos do local do ataque, encontramos mais dois corpos esfaqueados perto de um beco. Essa coisa ao se alimentar, regenera seu corpo ficando quase semelhante como o animal ou gente que ele come. Creio que se conseguíssemos atirar nele quando o corpo está regenerado e longe da cova, conseguiríamos matá-lo de verdade.

- Então ele não está morto? - questionou outro policial.

- Talvez esteja morto, mas alguma coisa o trás de volta ao nosso mundo. Talvez as joias que ele deu para sua esposa seja o motivo pelo qual esse bicho esteja matando as pessoas por aí.

- Eu tenho uma ideia melhor, delegado! – disse um dos policiais.

- Qual?

- Vamos atear fogo no corpo.

- Seria uma boa ideia, mas não serve se for dentro do cemitério. Temos que levá-lo para fora daqui.

- Então vamos levá-lo para um terreno baldio e queimá-lo.

- Eu também já pensei nessa possibilidade, mas creio que o fogo não irá decompô-lo. Se os senhores olharem direito, vão perceber que o caixão está enfumaçado e algumas partes estão cheias carvão. Querem saber o que isso significa? Significa que quando a coisa entra no corpo, ele pega fogo, e fogo do inferno.

- Então, o que vamos fazer, senhor?

- Hoje mesmo nós vamos mandar fazer uma gaiola de vergalhões bastante grossos. Vamos soldar os ferros e colocar o caixão dentro da gaiola, depois vamos mandar fazer outra gaiola que colocaremos ao redor da cova. Se conseguirmos manter ele preso, certamente morrerá de fome.

Por questão de segurança a policia não contratou nenhum civil para construir as jaulas. Os soldados fizeram a gaiola para pôr o caixão, enquanto outra equipe fazia a caixa de cimento e ferros, onde haveria de ser posta a gaiola de fora.

Na cidade, nenhum civil ficou sabendo do plano da policia, exceto os dois coveiros e o porteiro do cemitério, que ajudaram os policiais a prepararem uma cova bem distante de todas as outras para prender o bicho.

Às cinco horas da tarde daquele mesmo dia, os policiais sob a responsabilidade do delegado, acorrentaram as mãos e os pés do defunto, colocaram o caixão dentro da caixa de ferro e a tamparam com uma grade de grossos vergalhões, levaram o caixão até a sepultura de cimento e ferro onde novamente enterraram Lucas.

Depois de muita terra socada; foi feita uma laje por cima da tumba e ainda colocaram uma jaula de vergalhões ao redor da sepultura. Ao término do trabalho o delegado disse que queria ver se a aberração iria sair.

Na virada da noite, de domingo para segunda, o delegado ordenou que cinco policiais passassem a noite no cemitério, e com qualquer movimento na sepultura eles deveriam chamar reforço.

Três dos cinco soldados escalados para passar a noite no lar dos mortos já haviam madrugado na noite anterior em vigília. Por volta das três e meia da madrugada, os policiais ouviram gritos e urros do bicho. Ele gritava em desespero querendo sair da gaiola, mas não conseguiu tremer a tumba como antes.

Os olhos atentos dos policiais não pestanejavam; eles olhavam assombrados para a tumba de Lucas, imaginando o que estava passando debaixo da terra.

O dia amanheceu e o plano do delegado havia dado certo. O demônio comilão não saiu e nem iria sair; iria ficar fraco e morrer de fome. Esse era o pensamento do delegado.

Até que fim uma segunda-feira sem mortes e sem monstro. Os policiais comemoraram o fim dos ataques, mas todos suspeitavam que o defunto pudesse fugir.

Às doze horas da noite de segunda-feira, quando os dois ponteiros do relógio apontavam para o céu, o bicho começou a se debater debaixo da terra. Sua fúria era tão grande, que mesmo os gritos, que dava ao vir para o corpo, foram reprimidos para acumular mais força.

O bicho virou as costas para cima e forçou a tampa do caixão. Quanto mais se debatia na agonia, mais o corpo esquentava a ponto de incendiar. Seu inferno era aqui, no mundo dos vivos, pois no verdadeiro inferno ele não podia entrar e nem sofrer com os outros espíritos condenados. Mas como tinha que se alimentar, padecia a este fogo, que lhe ardia por inteiro no corpo e na alma sem ser consumido.

O corpo do bicho se tornou uma "chama viva". O caixão carbonizou e as barras de ferro cederam pela força e pela alta temperatura emanada do monstro.

A aberração abriu um buraco na terra, quebrou a laje aos socos e se viu preso na última gaiola posta sobre a sepultura. Olhou para todos os lados para ver se estava sendo observado por alguém. Estava livre, completamente livre.

Na manhã de terça-feira, vinte dos vinte três policiais que participaram da operação de apreensão do bicho estavam mortos. Uns foram mortos dentro de viaturas, todos que estavam de plantão na delegacia e outros ainda foram mortos nas suas casas juntamente com seus filhos e esposas. Alguns tiveram a carne do corpo totalmente devorada e de outros apenas foram arrancadas cabeças, pernas, braços ou vísceras.

O delegado estava em casa com sua esposa e filho. Assim que ele percebeu que o bicho estava em sua casa, pegou uma arma e atirou no monstro, que não se movia diante dos disparos e não se intimidava com a presença do delegado Jonas.

O senhor Jonas, que fora delegado por muitos anos, nunca tinha enfrentado coisa deste tipo sozinho. Os bandidos sentiam dor e morriam, mas o bicho nem piscava com os disparos, apenas fixava os olhos no delegado desesperado.

O bicho estava mais forte porque tinha se alimentado bastante. Seus olhos enormes e amarelos pareciam famintos; na boca, por entre os muitos dentes afiados, podia se observar pedaços de dedos, olhos e partes de pele humana.

O corpo do monstro sujo de sangue e com a cabeça maior que a de um leão era de causar espanto a qualquer vivente. A barriga estava tão cheia que o delegado pôde perceber a forma de partes de corpos como cabeça, braços e mãos dentro do bicho.

- Por que está atirando?- perguntou o bicho com indignação – não sabes que não pode matar o que já está morto.

O bicho pegou o delegado pelo pescoço e o levantou até o teto. O senhor Jonas ainda se encontrava com o revólver na mão, mas nada podia fazer.

- Me mate sua aberração, porém deixe minha família em paz!

- É impossível ter carne fresca, estando com fome, e não comer. - respondeu o bicho.

O delegado levantou o revólver e conseguiu dar um tiro certo no olho do bicho. Esse se afastou soltando o delegado no chão, que também se afastou e ficou vendo o monstro de joelhos rosnando.

O bicho fez uma força involuntária, passou a enorme mão sobre o machucado e percebeu o estrago que o tiro lhe causou. Forçou novamente querendo vomitar.

O senhor Jonas deu mais um tiro, mas o bicho permaneceu como estava. A aberração vomitou três olhos humanos em uma gosma amarelada, pegou-os e colocou no lugar ferido, sarando assim suas vistas.

O bicho, num salto, pegou o delegado e o jogou na parede, depois se aproximou da mulher e da criança que também estava no quarto. Sua enorme boca, já preparada para arrancar aquelas pequenas cabeças de seus corpos, sentiu na língua o sangue amargo jorrando dos cadáveres.

- Por que você fez isso? – perguntou o bicho.

- Para você não os devorar. Eles merecem ser enterrados com a mesma forma que Deus os deu.

- E como você sabia que eu não podia comer carne morta?

- Porque você não abriu nenhuma tumba no cemitério.

O delegado havia atirado na própria esposa e filho e, em seguida, no desespero último, atirou em si próprio para não ter o corpo rasgado pela garra do demônio.

Os acontecimentos encheram as páginas do jornal local, porém ninguém soube explicar porque o delegado atirou na própria esposa e filho. O delegado fora levado para o hospital e não morreu.

Nenhum mendigo, guarda noturno ou qualquer outro morador da capital de Belo Horizonte viu o bicho depois daquele dia.

O delegado substituto pediu à imprensa para não divulgar nada sobre as mortes dos policiais e negar o que já havia sido publicado no jornal. As fotos do sepulcro aberto e das vítimas não foram publicadas.

Era verdade, segundo o jornal, que muitos policiais foram mortos brutalmente numa mesma noite. As testemunhas que deram entrevista, na sua maioria, não passavam de alcoólatras da noite, guardas noturnos, pobres ou mendigos. Enquanto do outro lado, a polícia e alguns "homens da elite" afirmaram que toda brutalidade era obra de alguns assassinos que fugiram de uma penitenciária e vingaram a morte de um amigo que foi morto pela polícia.

Aos poucos, os responsáveis pela apuração do caso denominado por "O bicho da Carneira" deixaram de lado a história do horror, logo que nada de estranho aconteceu mais na cidade.

Em Minas Gerais, vila de Fortaleza de Veredas, fazenda de Trindade, os irmãos Gustavo e Rafael se encontravam em perfeita paz com a senhora Áurea, esposas e filhos. A morte de Lucas foi muito triste para toda família, mas depois de quinze dias tudo havia voltado ao normal na fazenda Trindade.

Gustavo recrutou mais cinco homens para trabalharem como policiais na vila. Luana ia muito bem à frente da administração das fazendas; Marta estava ensinando para as crianças e para as esposas dos peões as primeiras letras e também era a responsável pelos documentos que envolviam transições de negócios. Rafael cuidava das finanças e auxiliava Gustavo a gerenciar as tarefas entre os funcionários da fazenda.

Numa tarde de um dia daqueles, o senhor Antoni, pai de Marta, foi visitar o seu genro e sua filha. Abraçou a filha, saudou o genro e beijou o neto, depois sentaram na sala para conversar sobre a segurança da cidade.

O velho tirou da maleta um jornal e entregou ao genro.

- Um amigo meu, que estava em Belo Horizonte, trouxe esse jornal e, eu queria que o senhor lesse. - disse o velho a Gustavo.

- O que tem aqui de tão importante? – perguntou Gustavo.

- Na página onze, "diz" que uma peste está matando o gado ao norte de Belo Horizonte e possivelmente está subido para nossa região, e que ninguém sabe o real motivo das mortes dos animais. Vocês são os maiores criadores de gado dessa região, e, que Deus não deixe, mas se a peste chegar aqui vocês terão um prejuízo muito grande.

Gustavo leu rapidamente a reportagem: "a peste já matou mais de mil animais e parece se propagar do sul para o norte do Estado de Minas Gerais. Nas fazendas em torno de Belo Horizonte não morreu mais nenhum animal há cinco dias, mas na região do Rio Doce a peste está dizimando por dia aproximadamente cinquenta animais. O mais interessante é que não é apenas o gado, mas também os equinos, caprinos e suínos estão sofrendo com a peste".

- Meu Deus! Já pensou se isso chegar aqui? - perguntou Gustavo assustado.

- Eu pessoalmente já pensei, por isso fiz questão de lhe mostrar o jornal. – respondeu o senhor Antoni.

- Temos que evitar a entrada de outros animais nas nossas fazendas para não contaminar o nosso rebanho.

- Isso seria uma boa ideia, mas evite também aos seus empregados irem à cidade com seus cavalos, talvez isso colabore para a não contaminação dos animais.

- Posso ficar com seu jornal, senhor Antoni?

- Claro que pode!

- Eu tenho que mostrar isso a Rafael quando ele voltar da cidade.

Rafael voltou da cidade, ao cair da tarde, muito assustado com um incidente que havia acontecido com ele. Luana, sua esposa, foi abraçá-lo como de costume, mas ele reagiu de forma estranha, pediu desculpas por não poder dar atenção a ela, e pediu para a mulher chamar Gustavo urgentemente.

Quando Gustavo entrou no gabinete do irmão, o encontrou trêmulo e pálido.

- O que foi Rafael? Você está sabendo da peste?

- Que peste Gustavo?

- A peste que está matando o gado.

- Não, não estou sabendo de peste nenhuma. Depois você fala sobre isso, mas eu te chamei aqui para outra coisa.

- O que aconteceu?

- Bem, é... Verifique se a porta está fechada, ninguém pode ouvir nossa conversa.

- A porta está fechada, agora conta!

- Você se lembra do seu José? Aquele senhor que tem um pequeno restaurante que fica a uns dois a três quilômetros depois da cidade. – Rafael falou assustado.

- Sim, eu lembro. O que aconteceu com ele?

- Com ele não aconteceu nada, mas eu o encontrei hoje em Fortaleza e ele me disse que um rapaz entrou na casa dele, comprou um porco, e depois pagou com essa nota.

- Mas isso é uma nota que nós só damos para os nossos peões, mesmo assim só quando vão fazer viagens longas. É só olhar a assinatura.

- Claro que é uma nota! Mas veja a assinatura.

- A letra eu não conheço, mas está escrito Lucas. – Gustavo concluiu.

- Pois é Gustavo, está letra é de Lucas, essa nota era de Lucas, e pelo o que o senhor José descreveu, o homem que comprou o leitão dele era Lucas.

- Não, agora você foi longe demais, acha que uma pessoa que morreu volta assim do nada?

- Não é esse meu pensamento, Gustavo. E se Lucas fingiu ter morrido e agora voltou para se vingar.

- Rafael, nós vimos Lucas morto, nós o enterramos. Será que todos aqueles policiais, o rapaz ferido e Geovana iam fingir a morte de Lucas?

- Eu não sei, mas a letra da nota é de Lucas.

- Que nada, Rafael! Algum espertalhão deve ter achado essa nota por aí e se passou por Lucas.

- O senhor José disse que ele assinou a nota hoje, a data é de hoje.

Gustavo fez mil e uma perguntas para si próprio e para o irmão. Teria Lucas morrido? Teria ele armado sua própria morte? Seria um fantasma? Seria um ladrão esperto que havia achado uma nota? Ou será que Lucas havia voltado para matar os irmãos?

Nada, nenhuma pergunta fazia sentido. O pensamento era incapaz de dar uma explicação lógica para a circunstância. Nesse momento, quando conversavam, Gustavo entregou o jornal para Rafael. Mais um problema a ser enfrentado.

- Rafael, vamos ao restaurante do senhor José. – disse Gustavo.

- Mas já é tarde, vamos chegar lá pelas sete da noite.

- Não importa! Se eu não conversar com o senhor José eu não vou conseguir dormir.

A casa do senhor José ficava fora da cidade, ao lado da estrada que ligava para outra cidade distante de Fortaleza de Veredas. Já era noite quando chegaram à casa do senhor José. Havia um grande número de pessoas à frente da casa deste homem cantando ladainhas.

A lua como o sol da noite iluminava a imensa estrada que se perdia no horizonte e clareava o caminho da gente que vinha ao restaurante dos mais distantes lugares.

Rafael e Gustavo desceram do carro e caminharam até a casa. Os choros, lágrimas e dor só tinham uma conclusão: alguém havia falecido.

Gustavo, como era o delegado, ousou perguntar o que acontecera. A resposta foi rápida e os detalhes tenebrosos.

Ali, no meio da sala dentro de um caixão roxo, estava o senhor José. Um homem, segundo uma testemunha, o matou e arrastou seu corpo bem próximo da mata, onde o estendeu numa árvore com uma corda. Não fazia mais de duas horas que o crime tinha acontecido.

Há dez anos que não havia mortes naquela região. A população ficou revoltada com a morte do senhor José; muitos homens correram as proximidades do local do crime procurando o assassino.

Rafael julgou saber o motivo da morte. Ao retornar para a fazenda, ele comentou com Gustavo a possível volta de Lucas, logo que o rapaz era um trambiqueiro e poderia muito bem ter forjado a própria morte com a ajuda do povo da capital.

- Rafael, minha maior preocupação é com a tal peste.

- Você, como delegado, deveria se preocupar com a investigação do assassinato.

- Se foi alguém da redondeza eu vou descobrir.

- E se foi Lucas?

- Eu não acredito nisso e nem quero acreditar, mas se foi Lucas, ele vai pagar em dobro pelo que fez tanto com o papai, com mamãe e pelo seu Zé, e ainda pela nossa viagem. Porém, prefiro não acreditar nisso porque eu o vi bem morto.

- Eu também vi, mas sei lá, é como se fosse um mau pressentimento.

Os rapazes conversavam sobre o assunto, mas não encontravam a explicação óbvia. Ao chegarem ao casarão de Trindade, encontraram todos os peões que lá trabalhavam bem armados, cercando o casarão.

- O que significa isso? - perguntou Rafael.

- Calma, doutor - disse um dos peões - que a dona Luana vai explicar tudo!

Luana, quando ouviu o barulho do carro, abriu a grande porta do casarão, desceu as escadas, abriu o pequeno portão na frente do jardim e abraçou o marido.

- O que foi Luana?

- As crianças estavam brincando no celeiro menor quando alguma coisa; não sei o que, tentou devorá-las.

- Que coisa?

- Eu não sei. Eu só ouvi os gritos dos vaqueiros correndo para o celeiro e vi as crianças chorando.

Luana não conseguiu relatar o que havia acontecido. Todas as mulheres dos peões e seus filhos estavam alojados no casarão porque estavam com medo do ser que os homens viram.

- Senhor Rafael - interrompeu um dos peões - eu posso falar o que aconteceu.

- Então conte seu Pedro.

- Eu e alguns homens estávamos apartando uns bezerros, quando ouvimos as crianças gritarem. Corremos em direção do celeiro e vimos um bicho sair pelas tábuas. As crianças não tinham nenhum arranhão, mas estavam em estado de pânico. Boa parte do celeiro foi destruída.

- Que bicho era esse? Uma onça ou um cachorro do mato? – Gustavo perguntou.

- Não senhor! Eu mandei dois moços trazerem rapidamente as crianças para cá, e eu e outros peões seguimos o bicho. Não deu para ver que bicho era, mas parecia um boi.

- Então é isso, deve ter sido um boi!

- Não senhor Gustavo, não era um boi. – o senhor Pedro o interrompeu – Muitos desses homens que aqui estão foram comigo atrás do bicho. Atiramos nele, mas ele continuou correndo e acabou sumindo de vista. Se fosse um boi certamente teria caído.

- Está bem! Pegue suas esposas e seus filhos e vão para suas casas. Três de vocês devem passar a noite acordados, caso o bicho volte. Quem ficar de vigília não precisará trabalhar amanhã e, quando amanhecer, iremos ver o que de fato aconteceu.

As mulheres e seus filhos foram aos poucos deixando o casarão e retornando às suas casas. Gustavo e Rafael estavam com suas cabeças cheias de muitas coisas para resolverem no dia seguinte, dormiram facilmente, pois estavam bastante cansados.

Amanheceu como um dia normal. O sol nasceu, os peões tiraram leite das vacas, as mulheres cuidaram de suas casas, os caminhões buscaram o leite e o dia apenas estava clareando.

Pelas catorze horas da tarde, Gustavo voltou da cidade sem nenhuma informação sobre a morte do senhor José. Ele estava fatigado depois de ter ficado andando de casa em casa perguntando às pessoas sobre o assassinato.

Gustavo mal chegou à fazenda, foi informado que Rafael o esperava numa parte desta, que eles chamavam de "baixas", pois essas terras ficavam próximas ao

"vale das sombras".

Assim que o delegado chegou ao local, encontrou Rafael e alguns peões armados diante de muitos ossos e pelos de gado.

- O que foi isso Rafael? - indagou Gustavo.
- Eu não sei! Mas se parece com ossos né?
- Claro que são ossos. Mas eu estou perguntando o que significa isso.
- Ah sim! Deve ser que o bicho de ontem matou esses animais.
- Mas matou a ponto de só deixar os pelos e os ossos?
- Gustavo faz favor aqui, em particular. – Rafael puxou o irmão pelo braço.
- Sim. Qual é a nova?
- Pare de ser sonso! Eu já vi muitos ossos de animais que foram atacados por onças e outros animais selvagens, mas geralmente esses animais não devoram totalmente suas presas, sempre sobra a parte dos urubus. E outra coisa é que aqui faz um bom tempo que não aparece onças.

- Então o que matou esses animais, Rafael? Por favor, antes de responder, não me venha com histórias de lobisomem, bicho papão ou qualquer coisa do outro mundo.

- Que eu sei, era você que gostava desses contos quando era criança. E se não foi um lobisomem, quem foi?

- É mais provável que tenha sido uma onça ou cachorro do mato!

- Eu já te disse que não foi onça.

- Então foi um lobisomem. Está bom assim?

- Gustavo, eu não disse que foi um lobisomem.

- Mas parece que você quer dizer isso.

- Gustavo, sabe qual é seu mal? É que você pensa saber de tudo e não sabe de nada. Cadê? Você descobriu quem matou seu José? Descobriu?

- Rafael, eu não vou ficar perdendo meu tempo com você. Estou muito cansado para jogar conversa fora.

- Pode ir, delegadinho! Eu me viro sozinho.

Por toda vida de Rafael e Gustavo, essa era a primeira vez que os irmãos tinham discutido sério. Gustavo foi embora para o casarão e Rafael ficou por mais um tempo nas "baixas".

Os vaqueiros estranharam as reações dos irmãos, que sempre foram unidos. O mal estava por perto e ninguém suspeitava.

No lugar que estava os esqueletos não foi encontrado pegadas de onças ou de qualquer outro animal carnívoro, apenas patas do gado.

Por uma semana Gustavo ficou evitando a presença de Rafael e vice-versa. Mais animais morriam e nada era feito para encontrar as causas.

Rafael sempre ia ao local onde o gado era atacado, mas nunca encontrava respostas concretas para explicar os ataques. Gustavo se dirigia para a delegacia e apenas retornava ao entardecer, não almoçava em casa com a família e não se preocupava mais com os assuntos da fazenda.

As terras eram extensas e por isso era difícil deduzir em qual pasto ou curral os animais seriam novamente atacados. Em uma daquelas tardes Rafael ficou esperando o irmão na biblioteca do casarão. Era muito difícil alguém da casa ir ali, pois a biblioteca era a lembrança viva do senhor Augusto.

O cachimbo na gaveta, os livros de Medicina que o senhor Augusto ganhou do pai, os muitos livros de direito e agronomia. Tudo estava do mesmo jeito desde a morte do "grande" Augusto.

A biblioteca estava um pouco escura, havia várias estantes de livros e a escrivaninha perto de uma pequena janela.

Quando Gustavo chegou da cidade, Luana o avisou que seu esposo estava esperando por ele na biblioteca. O delegado tomou banho e logo em seguida foi ter com o irmão. Antes de abrir a porta da biblioteca sentiu vontade de chorar, pois aquele lugar o fazia reviver as lembranças do pai.

Gustavo entrou, e mal pôde ver o irmão sentado atrás da escrivaninha. Ele pediu perdão ao seu irmão mais velho pelas coisas que tinha dito, e de modo semelhante fez Rafael. Não precisou de muitas palavras para que os irmãos se abraçassem e voltassem à primeira amizade a qual foram criados.

Rafael pediu para Gustavo se sentar, e ali eles conversaram das coisas boas que tinham vivido com o pai. Enquanto conversavam uma voz mansa e cansada os interrompeu.

- Como esperei poder vê-los aqui reunidos. Agora vejo meus meninos voltarem a serem verdadeiros irmãos!

Era a senhora Áurea que estava escondida por entre as estantes. Ela havia pedido para Rafael fazer as pazes com o irmão mais novo.

- Tive um sonho – disse a velha – sonhei que a morte passeava pelos campos, as flores e relvas murchavam quando ela passava por perto, os vaqueiros ao tentar tirar leite das vacas apenas tiravam sangue. A carne do gado era devorada por gafanhotos gigantes e, nossa casa havia se tornado num enorme depósito de ossos humanos. Por isso eu quero que vocês fiquem unidos porque tem um mal rondando nossas terras.

- Eu também estou com esse pressentimento, mamãe - disse Rafael.

- Eu também estou sendo obrigado a acreditar que tem algo muito mais ameaçador que a peste do sul. – Gustavo confirmou.

Depois da conversa os irmãos planejaram uma armadilha para identificar o bicho que estava matando o gado. Juntaram o rebanho para passar a noite nos

quinze curais da fazenda e ainda mantiveram outros animais num grande mangueiro localizado próximo ao casarão. A todos empregados e empregadas foi proibido comentar o assunto com a senhora Áurea.

Para cada curral, ficaram três a quatro homens de longe observando se o bicho aparecia. Rafael e Gustavo ficaram nas terras "baixas", justamente onde haviam ocorrido todos os ataques.

Ao anoitecer, o gado de um dos currais das "baixas" começou a agitar-se. Um peão fez sinal para Rafael e Gustavo, chamando os para o outro lado do curral.

A escuridão dominava sobre a lua minguante que insólita despendia seus poucos raios pelo ar tenebroso do "vale das sombras". Os irmãos observavam a movimentação dos animais, mas não conseguiam ver nada de estranho.

Os peões viram um boi fora do curral. Gustavo nesse exato momento chamou a atenção dos peões porque não prenderam o boi. O senhor Pedro, homem de responsabilidade, pediu permissão para ir prender o animal, porém Gustavo não permitiu. O rapaz obrigou que todos ficassem ali, de trás das moitas, pois tinha certeza que algo de estranho estava por perto.

O mesmo boi, que eles tinham visto, colocou as patas sobre a cerca do curral, ficando apoiado sobre as duas patas de trás. O gado correu para o outro lado do curral, mas era tantos animais, que foi impossível aos últimos escaparem das presas afiadas do monstro.

O bicho da carneira estava de volta. Os enormes chifres e dentes o confundiam com uma junção de urso, boi e homem. Era a coisa mais maligna que os humanos haveriam de conhecer.

O bicho estraçalhou um boi com as presas e rasgou o ventre de outros dois animais com as garras. Os homens observavam de longe a ferocidade do monstro, que rasgava o gado como se fosse uma navalha amolada.

- Atire, atire. Mate este lobisomem desgraçado – gritou Gustavo com muita fúria.

Quando o bicho percebeu que os homens estavam se aproximando, agarrou um boi e o arrastou para dentro da mata. Chuvas de chumbo o feriam, mas o bicho sabia que não podia deixar a presa para depois. Os peões e os senhores ainda o seguiram até determinada área do "vale das sombras", porém o monstro sumiu por entre as árvores da tenebrosa floresta.

Os homens voltaram para o curral, comentavam entre eles sobre o bicho. Rafael, infelizmente, ao dar o primeiro tiro, caiu com o impulso de seu rifle e não pôde nem perceber o que era realmente.

- Vocês viram do que se tratava? – perguntou Rafael meio aborrecido consigo mesmo.

- Deve ser um lobisomem! - respondeu um dos homens.

- Não, não! Lobisomens não têm chifres e lobisomens não ataca o gado – interrompeu o senhor Pedro.

Gustavo interrompeu, e disse para ninguém comentar com as mulheres da fazenda e muito menos com os moradores da cidade sobre aquele episódio, até que eles tivessem certeza de que bicho se tratava. Os irmãos subiram a colina sabendo que os problemas estavam apenas começando.

Por mais de um mês os ataques continuaram. Às vezes, os peões viam o bicho estraçalhar sua presa e outras vezes apenas encontravam esqueletos do gado na grande Trindade.

Os contratos de fornecimento de leite para o laticínio foram cancelados. Os seis caminhões que levavam o leite para a cidade vizinha de Veredas nunca mais voltaram à fazenda.

Nos sítios e fazendas próximos de Trindade nenhum animal morria pelas garras do bicho e infelizmente as pessoas da cidade ficaram sabendo da história do monstro; muitos que iam para a fazenda, no final de semana pescar, mudaram suas rotinas.

Mais de cento e cinquenta animais morreram e os prejuízos já eram relevantes nas contas dos "Leites". Gustavo inventou um novo plano para matar o bicho e tinha a plena convicção de que desta vez tudo daria certo.

Os peões, como antes, juntaram os animais nos currais, mas não deixou nenhum animal nos currais das "baixas", exceto a isca que eles usariam para atrair o demônio comilão.

Bem perto do curral havia um grande celeiro onde se guardava as ferramentas, selas, sal e cabrestos. Os peões fizeram um pequeno cercado dentro do celeiro e ali colocaram um novilho. A ideia era que, se o bicho entrasse no celeiro, não veria os homens que o cercaria de tocaia.

A noite chegou e todos os peões da fazenda, juntamente com Rafael e Gustavo, se esconderam em volta do celeiro para esperar o monstro. Os homens eram em número de quarenta; eles no último mês não fizeram outra coisa senão se preocuparem com a captura do monstro.

Do meio das árvores do "vale das sombras" vinha um som de galhos batendo uns nos outros. O bicho sedentamente seguia o cheiro da presa que ele avistara de longe.

Os homens não sabiam se enxugavam o suor dos rostos ou se miravam para o local onde estava o novilho. Ali, na pequena trilha do "vale das sombras", o bicho do lado de fora da mata, observava se havia algum humano por perto. O bicho, desconfiadamente, foi caminhando em direção ao celeiro, olhou para todos os lados e depois entrou.

Tudo que se pôde ouvir foi o berro do novilho. Os peões depois de uns três minutos rapidamente cercaram o celeiro e entraram. A surpresa não foi outra: do animal só restaram poucas partes e o bicho havia sumido. Gustavo mandou os homens olharem na parte de cima do celeiro e também debaixo dos fenos.

Alguns peões subiram as escadas do celeiro, mas não encontraram nenhuma pista na parte superior. Na correria do entra e sai do celeiro e sobe e desce das escadas, o bicho, que se escondera atrás dos sacos de palha, saiu tão rápido que ninguém notou sua fuga, exceto um peão que estava fazendo guarda um pouco mais distante do celeiro.

Tiros e mais tiros fizeram com que todos os homens corressem para o lado de fora do celeiro.

- O que foi Fernandin? - perguntou um dos peões ao amigo.

- O bicho passou por aqui e tentou me matar. Eu descii bala nele, mas infelizmente ele fugiu.

- Olha, veja aquele corpo de humano ali no canto. Todo esstraçalhado - disse outro peão.

- De quem será esse corpo? - perguntou Rafael.

- Eu não sei. Mas não faz nem minutos que ele foi morto. - respondeu o peão.

Gustavo mandou os quarenta peões se reunirem em um mesmo lugar para contá-los um por um, e saber se não estava faltando alguém, mas a segunda surpresa é que todos os peões que desceram para as "baixas" estavam presentes.

Os peões perguntavam uns aos outros quem o bicho tinha matado, porém ninguém sabia explicar quem era aquela vítima. Fernandin, o responsável pelos disparos, disse não ter visto nada a respeito da morte daquela pessoa, apesar de apresentar algumas feridas, algum sangue no corpo e ainda ter suas roupas rasgadas pelas garras da aberração.

Os caçadores do monstro subiram a serra lavando os restos mortais da vítima. Colocaram o corpo em um saco e guardaram-no em um depósito para enterrá-lo no dia seguinte.

Às três da madrugada daquela mesma noite, quando Rafael e Gustavo já estavam dormindo, foi até a casa deles o senhor Pedro, gritando para que os irmãos viessem rapidamente porque um dos peões estava prestes a cometer uma loucura.

Os irmãos, ao ouvirem os gritos, correram e encontraram o senhor Pedro perto do portão.

- Venham senhores, depressa; um dos homens parece que enlouqueceu. Pegou a própria esposa pelos cabelos e a filha, e está arrastando elas para as "baixas". - o senhor Pedro exclamou assustado.

Os rapazes correram para o lugar indicado pelo senhor Pedro, onde o homem estava. Quando os irmãos chegaram perto do peão, ele ameaçou atirar na mulher e na menina com a garrucha que possuía. Os outros trabalhadores da fazenda haviam cercado o homem, mas aos poucos ele puxava a esposa e a filha em direção ao "vale das sombras".

- Pare! Não faça isso. – disse Gustavo.

- Por que não "senhor"? Por acaso vai atirar em mim?

- Se for preciso, vou!

- Então atire! Acerte a cabeça da minha mulher primeiro "doutor"! – insistiu o homem.

- Fernandinho! Largue a mulher e a criança, deixe-as vir e deixaremos você ir para onde você quiser. – disse Rafael.

- Não! Não Rafael. Eu vou levá-las comigo.

A boca de Fernando espumava e os seus olhos brilhavam como brasa, suas unhas cravadas no pescoço da mulher a feria. O peão parecia estar possesso por um espírito maligno que o dominava e o levava juntamente com a família para as trevas do "vale das sombras".

Gustavo cansou de pedir para o homem soltar a mulher e a menina, porém este não obedecia e continuou arrastando sua família para a mata.

Gustavo insistiu pela última vez, mas ouviu um "não" como resposta. O homem, sabendo que o delegado ia atirar, empurrou a menina na frente dos peões e arrastou sua mulher a uns dez metros do "vale das sombras". Debaixo das primeiras árvores da floresta, antes de chegar à cerca, Fernando cravou seus dentes podres no pescoço da esposa, que caiu de joelhos no chão, respingando sangue, contorcendo na agonia última de sua dor.

O homem estourou os fios de arame da cerca com o peito e entrou mata adentro. Os peões atiraram no homem, que não caiu, apenas cambaleou, sumindo entre as árvores.

Rafael e seu Pedro examinaram a mulher, porém ela já estava morta. A criança entrou em estado de choque ao ver o próprio pai matar sua mãe de forma tão brutal.

Os peões levaram o corpo da mulher para ser enterrada no cemitério da fazenda e a menina ficou sob a responsabilidade do tio de Fernando, que também trabalhava na fazenda.

Fernandinho, o peão que matou a esposa, não era Fernandinho. Quando o bicho havia saído do celeiro naquela noite e encontrou o trabalhador sozinho, este o atacou e o matou, comendo toda sua carne e adquirindo assim a sua forma. Os irmãos só chegaram a esta conclusão porque perceberam que o homem reagiu igual

ao bicho quando foi baleado. O rapaz, que desapareceu na mata, rosnava como um cão enfurecido e berrava como um boi, tendo ainda uma voz humana que se perdia ao meio dos graves berros e rosnada.

Na manhã seguinte, Rafael e Gustavo fizeram uma reunião com todos os trabalhadores de Trindade. Eles falaram para os trabalhadores que não poderiam mãos mantê-los na fazenda devido aos ataques do bicho, e não desejariam que alguém mais morresse.

Segundo Gustavo, os peões e suas famílias teriam que sair da fazenda antes mesmo de anoitecer para não serem atacados pelo bicho. Os peões pegaram o que lhes pertenciam, receberam seus pagamentos e se dirigiram para suas casas na vila de Fortaleza de Veredas, ficando na fazenda apenas a família "Leite" e cinco dos melhores capangas, incluindo o senhor Pedro.

Dias e mais dias se passaram e o bicho continuou matando o gado. A cada pôr do sol, quando escurecia, as trevas abriam caminhos para o mal que trazia consigo muitos prejuízos para os "Leites".

Na realidade, o delegado não dispensou os empregados por motivos de mortes, mas sim porque ele temia que o bicho pudesse atacar um de seus empregados e incorporar na forma de um deles, e assim se aproximar do casarão e matar um membro da sua família.

A fazenda não produzia mais nada. Desde os primeiros ataques do bicho tudo que se via e ouvia eram desgraças.

Rafael e Gustavo passavam noites e mais noites acordados, tentando armar um novo plano para matar o demônio. Porém, muitos desses planos eram banais demais se comparados com a astúcia e brutalidade do bicho.

Como os peões haviam deixado a fazenda, o gado ficava solto no pasto durante o dia e a noite era preso nos currais. Contudo, era comum aos moradores de Trindade ouvirem nas madrugadas o berro dos animais ao serem atacados pelo monstro.

Numa daquelas noites, Gustavo estava enfurecido, pois sua esposa fora morar com o pai na cidade e, segundo os cálculos que ele fazia todo dia, chegou à conclusão que eles tinham perdido aproximadamente trezentas cabeças de boi.

O delegado abriu a janela do quarto para deixar entrar um ar puro. Da janela, ele podia observar vários currais. O rapaz refletia sobre as conversas que tinha com o pai, das promessas que fizera de nunca abandonar a fazenda por qualquer motivo.

Gustavo, perdido em pensamentos, foi interrompido pela agitação dos animais nos currais. Ele, que se encontrava sozinho no quarto, pegou dois revólveres e um rifle e saiu de casa sem ser notado pela senhora Áurea ou por Rafael.

O rapaz subiu em uma árvore à espera do bicho, que como sempre chegou de mansinho perto de um dos currais, olhou para todos os lados e logo em seguida lançou-se sobre o gado.

Gustavo, não muito longe do curral, observava a voracidade do bicho, rasgando a carne dos animais com suas enormes garras e presas. A lua daquela noite clareava como o “sol do meio dia”, e assim, pela primeira vez, foi possível Gustavo observá-lo mais detalhadamente.

O monstro, ora visto como um boi, era completamente uma aberração diante dos olhos do rapaz. O bicho era alto, quase três metros de altura, sua boca escorria sangue dos animais que ele matava e parecia ser muito maior que a boca de um leão ou qualquer outro animal carnívoro que se tinha notícia na Terra. O bicho movimentava-se com uma rapidez incrível quando estava devorando o gado, sempre com seus olhos bem amarelos voltados para os olhos da presa. Os pés traseiros eram iguais às patas de boi, e suas mãos eram semelhantes a enormes mãos humanas todas cobertas de pelos pretos e com grandes garras. A face apresentava características entre homem, boi e animais carnívoros. Este ainda tinha dois grandes chifres e uma caixa torácica semelhante à de um homem muito forte.

Gustavo suava e tremia encima da árvore ao ver a brutalidade do monstro, quando esse atacou e matou uma vaca prenhe, rasgando o ventre do animal e devorando o feto. O rapaz, movido pelo pânico, foi em direção do bicho, acertando-lhe um tiro no meio do peito. O monstro arrebentou o curral e escapou, correndo no meio do gado que também escapuliu quando o cercado foi quebrado.

Gustavo foi correndo no meio do rebanho e viu o bicho indo em direção das "baixas" para se esconder no "vale das sombras". O rapaz, ao chegar à entrada da mata, não avistou o bicho, ele olhou mais adiante e viu marcas de sangue pela pequena trilha. O rapaz seguiu as manchas de sangue a uns cinquenta metros adentro do "vale das sombras", até avistar as muitas rochas que se estendiam no meio da floresta; lugar esse que os peões chamavam de fortaleza.

O rapaz calou por um instante seu fôlego, arrastou por entre as árvores, tão silente como as áspides cautelosas. O cheiro de enxofre fazia suas narinas arderem, passava a mão nos olhos para enxugar o corrimento lacrimal. De súbito, sentiu um forte impacto nas costas e foi parar a quase três metros do lugar em que estava.

Ali, debaixo das árvores, Gustavo estava de frente com a criatura que ele tanto temia. Os olhos amarelos do demônio pareciam querer intimidar o rapaz, que caiu no chão sem defesa nenhuma.

Gustavo rastejou sobre as folhas úmidas, conseguindo se apoiar em uma árvore; enquanto isso o bicho andava de um lado para o outro fitando os olhos no rapaz.

O delegado pegou um dos revólveres e deu três tiros na direção do monstro, não conseguindo acertar nenhum, pois estava muito nervoso.

O bicho aproximou-se do rapaz e deu um grito ensurdecedor, olhou fixamente nos olhos de Gustavo e pediu para ele atirar.

- Por que você quer que eu atire? – indagou o rapaz com a voz trêmula.
- Por que eu quero saber se você tem coragem de matar seu próprio irmão.
- Que irmão?
- Eu sou seu irmão. Eu sou o Lucas!
- Você é um demônio, não o meu irmão.
- Por que está com medo delegado? Por quê?
- Eu não estou com medo.
- Você veio me matar. Vamos, atire! Atire e não saberá o que verdadeiramente aconteceu.

- Que verdade pode haver na boca de um demônio?

- Não me chames de demônio! Demônios são os seus. Você, de uns dias para cá anda fazendo contas dos animais que morreram, mas deveria ter feito estas contas antes de ter mandado os homens irem embora da fazenda.

- Por quê? O que meus empregados têm haver com isso?

- De certo eu matei muitos animais, mas não tanto como você pensa. Você leu sobre a peste que vinha do sul; eu era a peste e matei muitos animais, pois não poderia parar para ficar devorando todos por completo, tinha que chegar aqui na minha terra. Mas te digo que muitos dos animais que desapareceram foram roubados pelos peões. Quando eu pegava o que era meu, seus peões aproveitavam e vendiam alguns animais, na madrugada, para os irmãos de Luana, e no outro dia mentiam dizendo que o "monstro" havia matado tantos animais.

- Como eu posso saber que isso é verdade, vindo da boca de um demônio?

- Vai até a fazenda de seus primos e verá seu gado marcado com seus ferros.

- É mentira sua!

- Eu poderia te matar, mas vou deixar você ver com seus próprios olhos. E há ainda outra coisa; você anda tão perdido com o cargo de delegadinho que não sabe nem onde anda sua esposa e seu filho.

- Não fale da minha família seu ser infernal!

- Vai Gustavo! O que você sabe da sua esposa? Quando você ficou louco para me encontrar, a senhorita Marta se mudou para a cidade, e lá anda de amizades com um dos primos dela. E o que é pior, o velho barbudo sabe e não fala para ninguém. Por isso eu vou deixar você ir a terra deles e tirar suas próprias conclusões, e então saberá quem são os verdadeiros demônios.

O monstro, depois de ter persuadido Gustavo, virou as costas para sair. Gustavo descarregou os dois revólveres no bicho.

Lucas - o bicho, o monstro, aberração, o demônio - ali debaixo das muitas árvores, correu em direção de Gustavo, ferindo-o e deixando o rapaz quase morto.

Três dias depois, Rafael e os capangas encontraram Gustavo caído na mata, muito ferido. O rapaz foi levado para o casarão para se recuperar. Logo que Gustavo abriu os olhos e pôde também falar, pediu a Rafael para buscar Marta na fazenda do senhor Antoni. Entretanto, Marta recusou, pois tinha medo que o bicho pudesse matar ela e o filho.

Os irmãos se encontravam no escritório conversando sobre a morte do gado, quando Gustavo disse saber que muitos dos animais haviam sido roubados pelos peões e vendidos para os irmãos de Luana.

O delegado convidou o irmão para irem até a fazenda dos primos e conferir se era verdadeira essa informação. Rafael não perguntou ao irmão onde ele havia ouvido isso, mas o acompanhou até a fazenda dos primos.

Ao chegarem à fazenda dos primos tamanha foi a surpresa, lá estavam muitos bois e vacas marcados com o ferro dos "Leites".

De volta para Trindade, Gustavo passou na delegacia e nomeou um soldado qualquer para ser o delegado, renunciando assim o cargo.

Rafael, que acompanhara o irmão percebeu a estranheza do rapaz, com atitudes anormais, ora antes não observadas.

Em Trindade, os irmãos se entretinham conversando sobre como os animais foram parar na fazenda dos irmãos de Luana. Gustavo, no excesso de nervosismo, atirou a maquina de datilografar no chão e gritou alto com seu irmão Rafael.

- Calma, Gustavo! - falou Rafael com mansidão.

- Que calma! Os peões esse tempo todo nos enganando, roubando nosso gado e vendendo para nossos primos. E nossos parentes acatando essa tramoia.

- Talvez eles não soubessem que o gado era nosso.

- Claro que sabiam, Rafael! Todos eles vêm aqui pelo menos uma vez por mês.

- Está bem! Se eles sabiam, o que nós vamos fazer? Processá-los?

- Sim, processá-los, e por roubo.

- E Luana, como fica nessa história?

- Rafael, você pode até me odiar de hoje em diante, mas creio que sua esposa também deve estar envolvida nisso.

- Não e não. Luana nunca teria coragem de fazer uma coisa dessas.

- Se você pensa assim, eu vou dividir a terra, não quero mais prejuízos.

- Calma, rapaz! Você está muito nervoso.

- Não Rafael, para mim o fim é agora.

- Tenha paciência! Vamos investigar. Se Luana estiver envolvida com este roubo, eu irei pessoalmente expulsá-la desta casa, prometo.

- Está bem! Eu espero que dessa vez você possa tomar uma decisão no que diz respeito aos interesses da família.

Luana havia se dirigido ao escritório do marido para lhe mostrar umas roupas que ela tinha feito para as crianças. Antes de entrar no escritório, a moça percebeu que lá dentro ninguém estava com bons ânimos. Não era costume de Luana ouvir conversas alheias, porém como ela ouviu a menção do nome de seus irmãos e dela, parou atrás da porta e ouviu tudo.

Durante uma semana, Gustavo e Rafael trataram Luana com desdém, deixando-a sempre fora dos assuntos da fazenda. Rafael chegou a sugerir que ela devia deixar a fazenda e partir para a casa da família para não ser atacada pelo bicho. Luana nunca temeu o ataque do bicho, sempre tentava deixar as crianças e o marido e a tia confiantes de um dia melhor.

Em uma daquelas tardes, quando Rafael voltou do campo e abriu a porta do seu quarto, encontrou seu terno amor tão silente como o arvoredado que é plantado sozinho em uma colina. Luana, com os olhos bem abertos, parecia fixá-lo, e na sua face um sorriso forçado dizia todo o seu contentar com a vida.

Rafael correu para seus pés dizendo mil e uma palavras, pedindo mil e um perdões, mas já era tarde aquele momento, tão semelhante como aquele dia que desvanecera. O corpo de Luana balançava no fresco vento que soprava pela janela, e a corda que a dependurava estava encharcada de perfume: Luana havia se suicidado.

Luana era, com certeza, uma das mulheres mais honestas daquela região. Ela sempre respeitou as pessoas e nunca havia feito distinção de ninguém; era uma mulher determinada a fazer um mundo melhor para todos. Ainda, para o povo que a conheceu, quando se lembram da sua doce imagem, choram porque sabem que naquele corpo morava uma pura alma.

Na carta que Luana deixou, ela narrou sobre os acontecimentos estranhos que aconteceram na fazenda nos últimos meses, mencionado também que ela era inocente e nunca teria coragem de desviar um vintém da fazenda, embora fosse suspeita de roubo juntamente com os irmãos. Pediu para Rafael cuidar das crianças e pediu desculpas ao marido se não pode ser melhor.

Rafael, ao encontrar a carta, a leu e depois rasgou, porque não queria que os familiares soubessem o motivo do suicídio. O corpo de Luana foi levado para ser velado em Veredas, pois os irmãos e mãe dela queriam que ela fosse enterrada ao lado do pai.

No dia seguinte, o cortejo fúnebre seguiu para o cemitério levando a mulher mais popular daquele lugar. Não houve dia mais triste em toda Veredas do que aquele dia. O sol quente do meio dia aos poucos foi perdendo forças, e antes que

todas as mãos tivessem atirado um pouquinho de terra na sepultura, já estava bastante nublado todo céu.

Marta, seu filho e também o senhor Antoni apareceram ao enterro. Gustavo abraçou a esposa e o filho, e tentou convencer a moça de que os ataques haviam acabado. Marta pediu mais um tempo, porém mostrou-se muito temerosa quanto a voltar à fazenda Trindade.

A chuva caiu e aos poucos as pessoas foram saindo do cemitério. O único que ficou próximo do sepulcro da esposa foi Rafael; desolado pelo seu erro, chorava tanto que parecia uma criança sem mãe. Não havia e nem podia existir outro meio para lhe fazer feliz, parte dele estava debaixo da terra e a outra parte se sentia responsável por isso. Talvez as águas da chuva lavassem sua consciência ou talvez fizesse a lama sujar seus pés; só com o tempo ele poderia ter certeza para que choveu.

Logo depois do enterro, Gustavo interrogou seus primos sobre quais homens haviam levado o gado para a fazenda dos parentes. Um dos irmãos de Luana informou ter comprado o gado dos peões de Trindade, mas disse que apenas comprou o gado porque os peões garantiram que foi Gustavo quem havia mandado vender os animais por um bom preço para os parentes.

Gustavo se desculpou com seus primos e foi tirar satisfações com os peões. Chamou o senhor Pedro, que era o responsável pelos homens, e lhe perguntou sobre o roubo dos animais e a suposta venda para os primos.

O senhor Pedro ficou indignado com a pergunta, mas por ter uma grande admiração pelos "Leites", resolveu responder.

- Não devia nem lhe dar respostas, senhor Gustavo, e nunca mais voltar naquela fazenda, nem mesmo para pegar minhas coisas. Mas como tenho ainda um profundo agradecimento pela vossa família, vou lhe dizer o que aconteceu e o senhor bem sabe disso.

- O que eu sei?

- Não se lembra de que o senhor foi a uma destas noites na minha casa, na fazenda, e disse que era para pegar tantos animais e oferecer para seus primos por tal quantia. Defendeu que essa era uma medida para evitar os prejuízos, logo que o bicho estava matando todos os animais.

- Não senhor! Eu não me lembro.

- O senhor estava debaixo de uma árvore, lembra? Chamou-me na porta da minha casa e pediu para levarmos cem animais para a terra dos seus primos; devíamos oferecer o gado por um preço barato e que depois eles lhe pagaria. Só fizemos o que o senhor mandou, mas agora finge que nada sabe e nos trata como ladrões.

- O que eu te disse depois, senhor Pedro?

- Uns cinco dias depois agiu da mesma forma. Foi tarde da noite na frente da minha casa e mandou que eu fizesse a mesma coisa: levasse mais cinquenta cabeças de gado para a fazenda de seus primos. Geralmente eu aproveitava que o gado já estava preso e fazia imediatamente o que o senhor mandava.

- Por favor, senhor Pedro não pense que eu estou ficando louco. Mas como eu estava vestido?

- Também não se lembra? O senhor estava de terno, usava um chapéu caído sobre as vistas, coisa que achei estranha. As duas vezes que eu quis sair da casa para atendê-lo, o senhor disse que não precisava e, que eu apenas deveria fazer o que o senhor estava mandando. Pelo preço do gado, até eu, se tivesse dinheiro, compraria. Agora lembra? Ainda me exortou a não comentar sobre a venda dos animais na fazenda.

Gustavo calou-se por um instante em pensamentos. Sua mente procurava uma explicação para tal fato, ou estava enlouquecendo ou então outro Gustavo agia em seu lugar. Tentou lembrar com todas as forças deste acontecimento, mas não lembrava se havia mandado os homens venderem algum animal.

- Pois é, senhor Gustavo - interrompeu o senhor Pedro - o senhor devia se envergonhar de seus atos. Eu vi o senhor e seu irmão crescerem; ensinei vocês a montarem em cavalos, tanger o gado. Muitas coisas eu lhes ensinei e agora me trata assim!

Gustavo ouvia a voz do senhor Pedro bem longe aos seus ouvidos, parecia que uma dimensão extra-humana o havia distanciado de seu próprio corpo. Mas voltou para si com a resposta.

- Foi o bicho! – disse o rapaz.

- O bicho?

- Sim, ele se fez passar por mim. Enganou a todos e a mim também.

- Como, senhor Gustavo?

- Lembra-se de Fernando? O bicho se transformou nele, mas Lucas já era muito parecido comigo ou Rafael. Se ele fica sem se alimentar de animais por alguns dias volta a ter forma humana.

- Então me desculpe senhor Gustavo, eu não havia pensado nesta possibilidade.

Rafael deixou seus filhos com a mãe de Luana e seguiu para a fazenda com seu irmão e com a senhora Áurea.

Ao chegar à fazenda, Gustavo chamou pelos capangas, mas esses não respondiam. O rapaz entrou na casa em que eles moravam, pois a porta e as janelas estavam arreventadas, e encontrou as paredes todas sujas de sangue. Foi entrando de cômodo em cômodo mesmo temendo que pudesse ver o bicho novamente. Em

um pequeno quarto, sobre as esteiras, estava os corpos dos quatro homens, uns jogados sobre os outros.

O bicho havia cruelmente aberto os corpos dos homens e arrancado todas suas vísceras e os olhos, deixando-os deformados. O senhor Pedro escapou de ser morto porque estava no velório de Luana.

Gustavo retornou para o casarão, mas não contou nada para sua mãe e seu irmão. Foi dormir com a cabeça cheia de coisas ruins e com o coração vazio. Sua tristeza e seu medo traziam ao seu sono pesadelos terríveis de assombração.

Na noite do mesmo dia que Gustavo encontrou os peões mortos, o bicho da Fortaleza saiu do "vale das sombras", com sua tenebrosa crueldade, matou um número significativo de animais, nunca antes visto.

O bicho arrastou os animais mortos para frente do casarão dos "Leites", deixando que o sangue do gado escorresse debaixo da porta para dentro da casa. Na manhã seguinte, a senhora Áurea desceu do seu quarto e encontrou a sala como se fosse um mar de sangue. Num impetuoso grito, a mulher chamou seus filhos.

Rafael e Gustavo, que dormiam, acordaram com o grito da senhora Áurea. Os rapazes correram para socorrê-la, mas a senhora Áurea havia subido a escada novamente.

- O que foi mamãe? - perguntou Rafael – eu pensei que a senhora tinha caído da escada.

- Não, eu não caí, mas olha lá embaixo na sala!

- Meu Deus! O que é isso? Está vindo da varanda.

Gustavo chegou depois e ficou perplexo com tanto sangue na sala. Ele não sabia o que dizer para a mãe e para o irmão mais velho.

- É ele! Está de volta – Gustavo exclamou timidamente.

- Ele quem Gustavo? – a senhora Áurea perguntou.

- O bicho! O demônio do "vale das sombras" mamãe; ele se esconde no meio da fortaleza; de rochas no meio da mata. Quando eu fiquei perdido na floresta, eu estava procurando o bicho. Do nada ele apareceu em minha frente e prometeu nos matar caso ficássemos na fazenda. A aberração só permitiu que eu voltasse para avisar isso a vocês.

- Você não disse que eram duas onças que estavam matando os animais, e que você tinha matado elas? E depois disso os ataques pararam! – indagou Rafael.

- Eu menti. Os ataques pararam porque quando vocês e os peões iam dormir, eu pegava alguns animais e levava para as "baixas" para lá serem devorados pelo bicho, desde modo eu o mantinha afastado do casarão. A história do roubo dos animais foi o bicho quem me contou. Ele inventou tudo isso para criar inimizades entre nós. – Gustavo exclamou envergonhado consigo mesmo.

- E cadê os capangas, Gustavo? – a senhora Áurea perguntou.

- Estão todos mortos!

- Como assim?

- Ontem, quando nós chegamos da vila, eu fui até a casa deles, porém encontrei tudo quebrado e seus corpos uns jogados sobre os outros. Se vocês quiserem ver é só ir à casa que eles moravam.

- E por que você não me contou nada? – perguntou Rafael.

- Porque você estava abatido com a morte de sua esposa! Você e mamãe têm que sair daqui o mais rápido possível da fazenda. Eu vou ficar e se tiver que morrer, eu morrerei.

- Por que você quer ficar, Gustavo?

- Por uma promessa que eu fiz ao meu pai!

- Sei! Quer que eu saia com mamãe para se aposar sozinho de toda Trindade. Minutos atrás eu pensava que Luana havia se suicidado por minha culpa, mas agora vejo em que plano bem armado eu caí. Você e o bicho são culpados!

- Eu gostava de Luana como se ela fosse minha irmã! Eu me sinto por ter dado ouvidos ao demônio!

- Sua irmã? Você mentiu Gustavo! Eu acreditei em você. Desde o princípio acreditava que havia algo de errado acontecendo em Trindade, mas você negou até o fim, dizendo que não passava de animais selvagens. Eu vi aquela coisa, mas você chamou minha intuição de fantasias e agora padecemos por um demônio em que você depositou toda sua credibilidade. O que aconteceu com Fernando? Por que expulsou todos os peões no dia seguinte da fazenda?

- Eu não queria que eles morressem de igual modo como aconteceu com Fernandin! O bicho está lá fora e é melhor você e a mamãe irem embora daqui.

- É isso mesmo que eu vou fazer! Eu não vou esperar que este monstro mate também a mim.

- Meus filhos! Como é? Por que vocês não me contaram nada?

- É isso mamãe! O bicho, o demônio da fortaleza é que está matando o gado. Nós mentimos para a senhora ao dizer que eram onças, mas a verdade é que tem uma coisa lá nas "baixas" que está acabando com nosso rebanho – respondeu assombrosamente Gustavo.

- E como é esse bicho meu filho?

- É a coisa mais horrível que existe na terra. Ele tem mais de dois metros de altura e possui uma força maior que a de um búfalo. Suas garras são mais afiadas que a de uma onça, e suas presas são tão amoladas como a navalha. A voz do bicho parece muito com um estrondoso trovão e sua fúria é indomável. Mas o pior disso tudo é que o bicho é tão sábio como os humanos e tem a facilidade de persuadir as pessoas para suas armadilhas.

- Venha mamãe! Vamos sair dessa fazenda antes que nós morramos.

- Não Rafael! Eu não posso abandonar Trindade. Não quero ir para casa de Maria ou de qualquer outro parente. Se o bicho existe, eu tenho que vê-lo!

Rafael perguntou mais uma vez para sua mãe se ela iria com ele para outro lugar, porém a senhora Áurea recusou ir com o filho mais velho.

Rafael pegou todas suas roupas e todo o dinheiro que tinha e se dirigiu para Fortaleza de Veredas, passou na casa da senhora Murrae, despediu-se de seus filhos, logo depois foi embora para São Paulo; nunca mais ninguém o viu por aquela região.

Gustavo usou cavalos e burros para arrastar o gado morto, juntou todos os animais em frente da mansão e ateou fogo. Depois pediu implorando para sua mãe ir morar com a irmã na vila de Fortaleza, mas a senhora Áurea se recusou e disse que só sairia de Trindade caso morresse.

A tristeza alojou-se em Trindade. A enorme fazenda com apenas dois habitantes se tornou tão melancólica como um pássaro sem seu canto. Dois meses se passaram e Gustavo continuou levando o gado para o "vale das sombras", pois esse era o único meio de manter o bicho afastado do casarão.

O "vale das sombras", verdadeiramente, parecia um cemitério de bois e vacas e outros seres que o bicho conseguia apanhar. Primeiro o monstro corria atrás do animal, e quando este estava cansado e com o sangue bastante quente, o bicho o devorava.

Numa tarde, Gustavo fechou todas as portas e janelas do casarão e pediu para sua mãe não abrir a porta para ninguém enquanto ele estivesse fora. A senhora Áurea concordou, mas quis saber o que o rapaz iria fazer em Veredas, e ele respondeu que iria visitar sua esposa e seu filho. O monstro que rondava a casa, e com seu ouvido aguçado ouviu o que Gustavo tinha falado; possivelmente foi isso que aconteceu.

Gustavo montou em seu cavalo e seguiu para o povoado. Chegando lá, começou a chover, então resolveu voltar. E de fato voltou.

O povo admitiu ver Gustavo entrando numa estrada de chão que ligava a cidade à pequena fazenda do senhor Antoni, seu sogro.

O rapaz parou na cancela, amarrou o animal. Entediado por esperar, dava socos nas estacas e arranhava seu cavalo.

O céu estava nublado e caía uma fina brisa sobre toda relva. O senhor Antoni chegava à fazenda sempre pelas sete horas da noite. No carro que ele estava se encontrava Marta, seu filho e Rivaldo, primo de Marta.

- Que fazes por aqui? – perguntou o senhor Antoni ao rapaz.

- Que queres? Esqueceu que sua filha é casada comigo. Eu mandei Rafael vir buscar a criança para vê-la, mas Marta não permitiu.

- É melhor você ir embora, Gustavo, e voltar apenas quando estiver em perfeito estado de humor. – disse o velho ao seu genro.

- Desça do carro, seu velho vagabundo, ou você vai ver quem é que não está de bom humor!

Marta desceu do carro primeiro que seu pai, com seu filho. O rapaz quis apertar a mão da criança, porém o menino temeu se aproximar do próprio “pai” e disse que ele não era seu pai, pois estava muito estranho.

- Como?

- É isso mesmo Gustavo – Marta gritou – nós éramos uma família feliz, mas infelizmente você destruiu tudo; você está irreconhecível. O papai e meu primo que têm me ajudado a criar nosso filho.

- Ajudado? Eu dediquei minha vida toda para você, com intuito de te dar uma vida melhor! E você ainda fala isso?

O rapaz disse saber que Marta estava traindo ele com o primo, mas Marta negou tudo e disse que apenas Gustavo fora seu amor. O moço não acreditou em Marta e seu coração encheu-se de ódio e desejo de vingança.

O senhor Antoni, pressentindo a ameaça do “genro”, que possivelmente poderia estar armado, desceu do carro com uma garrucha apontando-a para o rapaz.

- Atire, seu velho salafrário! Atire! A morte é melhor do que a vergonha. – disse o rapaz enfurecido.

- Gustavo, você sabe que eu não quero fazer isso, mas se você não sair daqui agora eu vou ter que prendê-lo.

- Vai! Puxa o gatilho, puxa!

Rivaldo, o primo de Marta, também desceu do carro. O velho olhou para trás e num "piscar de olhos" foi dominado pelo seu “genro”, que deu um soco no velho, tomou-lhe a própria arma e sem qualquer ressentimento deu um tiro certeiro no coração do senhor Antoni.

Rivaldo correu em direção do assassino, com a intenção de ajudar o tio, mas o atirador foi mais rápido, puxou a arma e matou o jovem também.

- E agora? Vai dormir com ele sua cretina, com esse defunto?

- Meu Deus! O que você fez?

Marta se jogou sobre o corpo do seu pai e depois do primo, estava desesperada com a crueldade do seu “marido”.

- Eu vejo que mesmo depois de morto você o ama! – disse o rapaz.

- E daí? Eu o amava como primo, e mesmo se eu o amasse como um homem de verdade, o que te importaria? – Marta respondeu desesperada.

O rapaz movido pela ira pegou a mulher pelos cabelos enfiou o revólver na boca dela e puxou o gatilho. Marta caiu entre seu pai e seu primo, pagando com a morte, o ciúme despertado por aquele que supostamente seria seu marido.

A criança abaixou perto do carro e ficou soluçando de tanto chorar. O menino viu toda atrocidade que ali acontecera.

- Por que está com medo? – indagou o rapaz.

- Por que o senhor matou mamãe! – o menino falou com a voz trêmula.

- Ah, meu filho! Você não pode entender como as coisas no mundo dos adultos são turbulentas. As pessoas, as quais damos nossas vidas por elas, se revoltam contra a gente. Sabe? A gente passa os segundos, minutos e horas dedicando nossa vida às pessoas que amamos, e veja só. O que recebemos? Recebo a decepção de minha vida toda. Sinto o infortúnio em mim. Que homem sou eu?

- O senhor não devia ter matado a mamãe! – interrompeu o menino.

- E por que não?

- Eu te odeio. A mamãe estava certa. O senhor é um homem selvagem.

- Ah! Interessante, eu já havia esquecido que ao te pedir um abraço, você recusou.

O menino chorava, olhava para os defuntos escorrendo sangue que se misturava com a água da chuva. Não sabia se pedia socorro ou se corria, no meio do nada, longe da vila, ninguém poderia ajudá-lo.

- Pois é, até o fruto da minha carne se revoltou contra mim. Vai! Fica com seu pai, não é ele seu pai? Você saiu de dentro de mim e não disse aí.

- Se o senhor me levar eu vou te odiar pelo resto da minha vida.

- Pois bem! Vai ficar aí.

- E quem vai cuidar de mim?

- Ninguém! Você vai seguir esse caminho aqui. – o rapaz falou mostrando o caminho que se seguia até a sede da fazenda do senhor Antoni – não pare. Se algum dia você contar a alguém o que eu fiz, juro que corto sua língua, furo seus dois olhos e arranco suas mãos e seus pés, e então saberá com quem está lhe dando. Quando você chegar à fazenda, entre e me espere lá, que daqui a alguns dias eu venho te buscar.

Assim que o menino saiu, o rapaz juntou os corpos dentro do carro, ateou fogo e empurrou o carro em um precipício próximo daquele lugar.

No dia seguinte, os policiais foram à fazenda dos "Leites" comunicar o ocorrido. Gustavo ficou transtornado e desesperado com o que havia acontecido. Ele, pessoalmente, ajudou os policiais a retirar os corpos do carro. Ao encontrar o corpo de Marta, o jovem chorou tanto que não pôde entender o que havia acontecido ali.

Gustavo tirou do pescoço de Marta um cordão de ouro que tinha um pingente com a foto dele e dela. Graças à chuva, os corpos não carbonizaram totalmente e o rosto de Marta, aparentemente, estava perfeito. Porém nenhum policial e muito menos Gustavo perceberam as perfurações de balas nos corpos.

O jovem preferiu enterrar os corpos na fazenda mesmo, logo que a condição do tipo de morte o obrigava a tal decisão. Mal apareceu, no curto velório, dez pessoas que moravam próximas daquela fazenda; no mais a maioria do o povo só ficou sabendo do "acidente" dias depois.

O menino apenas chorava e nada falava. Foi levado para Trindade por aquele que tinha como assassino de seus bons parentes.

O varão dos "Leites" foi à vila de Veredas e contratou setenta homens para trabalhar nas suas fazendas.

- Homens de Veredas – disse ele – os senhores sabem da maldição que tem abatido sobre minha família. Os senhores bem sabem que há um bicho que se esconde na fortaleza, sabem também que nossas balas não podem matá-lo, mas creio que se capturarmos essa fera, poderemos cortá-la em mil pedacinhos.

Os meus prejuízos são enormes, por isso, se conseguirmos, todos vocês irão receber dez cabeças de gado e poderão voltar a trabalhar aqui tão felizes como era na época do meu pai.

O primeiro passo a ser dado era tirar o grande rebanho da fazenda Trindade e levá-lo para a fazenda que pertencia ao senhor Antoni.

Os homens se reuniram, colocaram o rebanho na estrada e deixaram apenas cinquenta cabeças de gado na fazenda. O rebanho foi dividido conforme o número de peões que o tangia.

Pelas cinco horas da tarde, muitos peões já haviam chegado à fazenda que era do senhor Antoni e outro grupo ainda estava, nesta hora, atravessando a vila de Fortaleza. Às seis e meia da tarde, o último grupo partiu de Trindade e às oito da noite já estavam na cidadezinha. Faltavam apenas três quilômetros para chegarem à fazenda.

Em um determinado lugar na beira da estrada, onde tinha uma enorme árvore, os animais cismaram em não ultrapassar dali para frente. Os vaqueiros forçavam o gado a se mover, utilizando seus ferrões, mas o gado passava apertadamente do outro lado da estrada, se esquivando de passarem perto da frondosa árvore.

Um dos peões comentou com seus colegas, que poderia haver alguma assombração na árvore e seria bom dar uns tiros naquela direção. Contudo, outro peão questionou que, se eles atirassem, poderiam espalhar o gado que já estava assustado.

Os peões que iam à frente haviam passado antes dos animais se assustarem. O gado com muita dificuldade seguiu em frente, porém os últimos peões, aqueles que vinham atrás do gado, tiraram suas espingardas dos alforjes e miraram em direção da árvore. O ambiente estava muito escuro, por isso eles não conseguiram ver nada.

Os vaqueiros olhavam para a frondosa árvore e tiveram a sensação que uma grande nuvem escura despencava sobre eles. Os cinco peões se espalharam com seus cavalos para não serem atingidos por aquela coisa. Um sexto homem não teve a mesma sorte, caiu do cavalo e sentia navalhas rasgando suas pernas.

O bicho revelara sua face mais uma vez, e a próxima vítima sentia aquele bafo infernal de enxofre quente quase devorando sua cabeça. Outro homem, justamente aquele que quis atirar na árvore, puxou a sua espingarda rapidamente e mirou em direção do bicho.

O demônio estava sedento de carne humana; desta vez o gado seria poupado e os homens padeceriam. O peão que estava com a espingarda mirou na cabeça do bicho e a disparou.

Os outros quatro companheiros que fugiam, pararam seus cavalos ao ouvirem o grito do companheiro que se encontrava nas garras do bicho. O chumbo acertou o ombro da presa, espirrando sangue por toda parte. O bicho soltou o rapaz, e fugiu.

- Você me acertou – gritou o rapaz ferido.
- Pelo menos aquela coisa te soltou – disse o outro que atirou.
- Venha, ajude-me!

- Os outros medrosos estão chegando, eu e um deles vamos te levar para Fortaleza de Veredas.

Os medrosos ao se aproximarem e ouvirem a situação do companheiro que atirou, disseram não poder ir para o povoado, pois temiam o ataque do bicho.

O rapaz ajudou o peão ferido a montar no cavalo e somente os dois seguiram para a cidade. Horas depois, o rapaz chegou a Trindade, narrou para Gustavo o que tinha ocorrido na estrada.

- E o moço, está fora de risco? – perguntou Gustavo.
- Ele está bem! O tiro "pegou" no ombro, assim que eu atirei o bicho fugiu.
- Mas você disse ter dado outros tiros no bicho e nem por isso ele fugiu?
- Sim! Mas eu não sei porquê ele não fugiu.

Mais tarde, lá pelas dez horas da noite, chegaram à fazenda de Trindade os outros vaqueiros que vinham da fazenda que antes pertencia ao senhor Antoni. Os peões, ainda montados nos seus cavalos, esperavam por Gustavo. Crianças descalças, mulheres desarrumadas, muares e jegues cheios de balaies com roupas, panos, vasilhames e outras coisas encheram a frente da mansão.

- O que é isso? – perguntou Gustavo.

- Fomos levar o gado, não fomos? – indagou o senhor Pedro – Ficou sabendo do ataque?

- Fiquei, mas o rapaz falou que o vaqueiro ferido está fora de perigo.

- Senhor Gustavo – disse o velho – não estou falando do ataque ao peão, estou falando do ataque à vila de Fortaleza.

- Fortaleza Veredas? – Gustavo perguntou bastante assustado.

- Sim! O bicho invadiu a vila e causou o terror por toda parte. Mais de oitenta pessoas, incluindo crianças, estão mortas. Aqueles que têm como se defender, ficaram; outros estão saindo para outras cidades ou povoados, e alguns estão se refugiando na igreja ou na delegacia. Como estamos aqui por esses dias, achamos mais seguro trazer nossas famílias, pois dois destes peões que aqui se encontram, perderam hoje mulheres e filhos.

- E quem viu o bicho? – Gustavo perguntou.

- Quase ninguém. Boa parte das pessoas que morreram estava sozinha em quartos, quintais ou embriagadas por algum lugar da rua. Na realidade, eles dizem se tratar do tal “Romãozinho”, que quando passa pelos lugares causa estragos e mortes a todo mundo. Poucas pessoas dizem ter visto um bicho com chifres entrando no mato.

- Bem, arrume-se como antigamente. Cada qual volte para sua antiga casa. Enfim, arrume-se como puderem, porque amanhã iremos trabalhar dobrado.

Aos poucos o povo foi penetrando nas suas casas que ficavam próximas do casarão. Cada qual com sua família ou amigos se ajeitaram como foi possível.

Às seis horas da manhã do novo dia Gustavo observava da janela do seu quarto o pequeno rebanho que restou na fazenda Trindade; aquele dia era decisivo para ele e para os peões.

Gustavo reuniu sessenta e cinco homens, pois os outros quatro haviam ficado na outra fazenda; distribuiu para eles todo tipo de arma como facas, punhais, facões, revólveres, espingardas, rifles e munição suficiente.

- Homens de Fortaleza – disse ele – os senhores sabem de nosso plano para capturar o bicho da fortaleza. Não vamos nos amedrontar diante desta coisa que está causando terror ao nosso povo. Vamos entrar no "vale das sombras" atrás do monstro e se o encontrarmos iremos fazer picadinhos daquele ser desgraçado. Aqui no casarão apenas se encontra minha mãe e meu filho. Dois homens devem ficar aqui para caso aconteça qualquer coisa, levar suas esposas e seus filhos para o casarão.

- E como vamos saber se o bicho está no "vale das sombras", doutor? – indagou um peão.

- Provavelmente o bicho mora no "vale das sombras", no lugar onde fica a fortaleza das rochas; geralmente quando anoitece o bicho ataca meu gado. Vamos nos dividir em grupos de dez, e entrar por vários lugares da floresta. Cada grupo deve ter um responsável ou chefe.

Antes das cinco e meia da tarde todos devem estar fora da mata, pois geralmente o bicho aparece quando a luz do sol se esconde. Fiquem sempre de olhos abertos; na floresta há lugares nunca antes pisados por um homem.

Os homens receberam suas armas, encheram seus alforjes de pão, água e outros alimentos, seguindo todos para as terras "baixas".

Às oito horas da manhã, os peões entraram na mata com seus cavalos para capturar o bicho. Seguiram por caminhos estreitos até o momento que os cavalos já não podiam ser utilizados na busca do monstro.

A mata era mal iluminada; às vezes, poucos feixes de luz invadiam o ambiente sombrio, trazendo mais tranquilidade aos caçadores.

O cheiro forte de sangue, couros e ossos podres de animais espalhados por todos os lados das trilhas faziam correr um frio no estômago daqueles valentes homens.

Ao meio dia, os peões de um grupo perceberam movimentos fortes por entre as árvores. O chefe deste grupo, Ananias, pediu aos homens para ficarem quietos diante da situação. A brutalidade com a qual as árvores se mexiam levaram alguns homens ao desespero.

Ananias disse aos companheiros para eles manterem a calma, e apenas atirar se vissem o bicho. Os homens abaixaram-se no meio da mata, eles calaram até que o barulho mais perto se aproximava. Suado e com muito medo, um dos peões levantou e deu um tiro para o alto.

- Calma! Quem está aí? – gritou alguém do meio das árvores.

Os homens levantaram e foram em direção ao outro grupo. Ananias disse para os outros companheiros que eles estavam perdidos, mas a conclusão do outro grupo foi a mesma.

- Passamos por vários lugares estranhos, vimos marcas enormes de garras nas árvores e sangue e ossos por todos os lados. Creio que devíamos juntar nossos grupos até encontrar os outros – disse o chefe Antônio ao chefe Ananias.

Os homens desmembraram boa parte do "vale das sombras", porém não encontraram monstro algum. Limitaram uma determinada distância e haviam concluído seus percursos.

No cair da tarde, os peões se adiantaram em sair da floresta sem dar as costas para o inimigo. Sempre olhavam para trás, pois pressentiam que a aberração maligna poderia aparecer a qualquer momento.

Ao retornarem para o local onde haviam deixado os cavalos, os homens não encontraram nenhum animal pastando por ali. O local assemelhava a um lago de sangue, pois todos os animais de montaria estavam todos mortos, com suas cabeças separadas dos corpos.

O medo abateu sobre os peões e via-se na face de alguns deles a angústia de também morrerem daquela forma. Gustavo, depois de analisar a cena horripilante, deu ordem para os homens abandonarem a floresta o mais rápido possível. Todos corriam como cavalos selvagens, não andavam mais olhando para trás, Gustavo e seus peões queriam apenas estar fora do "vale das sombras" antes de escurecer.

Não demoraram muito e todos já estavam do lado de fora da floresta. Gustavo percebeu que estava faltando vinte homens quando fez a contagem dos peões. Um dos homens perguntou para Gustavo se ele iria entrar na mata atrás dos peões, pois um dos caçadores perdidos era irmão deste homem.

O grupo de Ananias e o de Antônio não apareciam, e já fazia uma hora que os homens haviam deixado a mata. Gustavo, impaciente, pegou um graveto e começou a fazer um pequeno espeto com seu facão.

Para a frustração de todos, o rapaz que sabia que seu irmão estava perdido na mata ficava trêmulo, logo que naquele lugar morava um demônio muito cruel e astuto.

O rapaz levantou do chão e foi em direção a Gustavo, que acabara sem perceber de por o espeto de madeira preso ao seu cinto. O jovem, sem nenhuma esperança, perguntou ao "Leite" se eles iriam à busca dos companheiros.

- Vamos esperar mais um pouco, se eles não aparecerem nós iremos entrar. Enquanto isso é bom que três peões subam até a sede para pegar alimentos, lampiões e ver se tudo está bem por lá.

Três homens subiram o morro, chegaram ao casarão e encontraram apenas um dos peões à frente da sede.

- O que faz aí sozinho, homem? – perguntou um dos peões.

- O filho do senhor Gustavo fugiu para a vila e a senhora Áurea e o outro companheiro foi com ela atrás do menino.

- Nós, da nossa parte, viemos buscar mais alimentos para o pessoal, porque parece que teremos que entrar de novo na mata, alguns homens não apareceram até agora.

Os peões pegaram pães, água, carnes, frutas, leite e lampiões, arriaram dois jumentos com balaies e logo em seguida levaram as mulheres e as crianças para o casarão, julgando que na grande casa eles estariam seguros.

- Por que demoraram? – perguntou Gustavo aos peões que chegavam do casarão.

- Demoramos porque encontramos apenas um peão no casarão. O seu filho fugiu para a cidade, então o outro peão teve que ir com a mãe do senhor atrás do menino. Pedimos para que o outro homem, que conosco subiu, ficasse no casarão fazendo companhia ao peão que lá estava sozinho e também alojamos as mulheres e as crianças no casarão. O senhor nos perdoe se agimos mal!

- Vocês fizeram a coisa certa. Mas depois eu vou ter que chamar atenção daquele menino, ele está muito mal educado.

Os homens sentaram, comeram, beberam e esperaram mais uns minutos. Fumavam e se distraíam enquanto esperavam uma decisão de Gustavo.

Um dos caçadores ficou em pé e pediu para que todos os peões ficassem em silêncio. Os peões acharam que o homem estava ficando louco, mas ele mandou com autoridade que todos calassem por um instante.

- Que foi homem? – Gustavo indagou.

- Senhor, faça silêncio! Estou ouvindo gritos vindos da mata, parece que alguém está pedindo ajuda.

O homem falava e todos os peões sorriam da cara de espanto que ele fazia. Gustavo disse para o moço relaxar, pois eles não estavam ouvindo nada.

O rapaz tentava se explicar dizendo que tinha ouvido um grito, mas todos os caçadores, inclusive Gustavo, sorriam do sujeito medroso.

Mal começaram a desacreditar no rapaz, os peões correram para todos os lados que tinham árvores, para trás de troncos caídos ou se jogaram ao chão. Desta vez, todos tinham ouvido o pedido de ajuda.

Olhos fixos na saída da mata, mãos trêmulas e suor frio; o medo dominava aqueles corações tímidos. Gustavo, do seu canto, observava o temor que invadia aquelas faces sofridas no árduo trabalho da roça. Julgou por um momento que se todos aqueles homens tivessem estudo, certamente não estariam naquele trabalho infernal de capturar um demônio. Mas apenas ele e mais ninguém sabia que foi pela procura de uma vida mais digna na cidade grande que Lucas havia se transformado em um sujeito desprezível e conseqüentemente em um monstro.

Os peões levantaram-se dos seus lugares e todos, sem exceção de nenhum, miraram em direção da saída do "vale das sombras".

Um homem todo ensanguentado saiu da mata sem controle sobre suas emoções. Os companheiros o seguraram e tentaram acalmá-lo, mas ele se debatia e gritava para todos saírem daquele lugar, porque tinha uma fera matando os homens na floresta.

Depois de calmo, o caçador falou que tinha homens na floresta, porém não sabia em que parte eles estavam, porque assim que o bicho os atacou, eles se espalharam por todos os lados.

Gustavo reuniu novamente os homens, dando-lhes a ordem de não mais se dividirem como antes. Os peões entraram no "vale das sombras" aproximadamente às sete e meia da noite; o outro peão que havia saído da mata foi sozinho para o casarão.

Na cidadezinha de Fortaleza, o filho de Gustavo se dirigiu à delegacia e denunciou seu próprio pai por ter matado a senhora Marta, o senhor Antoni e

Rivaldo. O menino contou toda história aos policiais e perguntou se eles não tinham "visto o tiro" na sua mãe.

Às onze horas da manhã daquele mesmo dia, os policiais desenterraram os corpos e verificaram que haviam perfurações nos corpos carbonizados. Gustavo não sabia por qual razão o menino tinha fugido. O novo delegado de Fortaleza de Veredas era da capital de Minas Gerais e constatado a veracidade dos fatos, imediatamente mandou uma carta para o Fórum mais próximo, pedindo a prisão de Gustavo.

No "vale das sombras" todos seguiram num único grupo, eles andavam por todos os lados, estavam armados e atentos para o sobrenatural. Quando os ponteiros do relógio apontavam para a meia noite, os homens ouviram um berro ensurdecedor; parecia que a lua estava colaborando com os caçadores para enxergarem o clarão entre as árvores.

Gustavo pediu, bem baixinho, aos peões para apagarem os lampiões. Os homens obedeceram e ficaram por alguns minutos parados, onde estavam, esperando pelo bicho.

O silêncio gritava naquela floresta e o mau cheiro os incomodava. Depois de esperarem e não terem resultados, eles seguiram para o lugar que julgavam estar o bicho. Não muito longe daquele lugar, os homens encontraram um dos peões que havia se perdido na manhã anterior.

O rapaz gemia de intensa dor, por isso os peões o encontraram debaixo de uma árvore, encoberto de folhas secas.

- Foi ele que fez isso com você? – perguntou Gustavo ao peão ferido.

- Não, senhor! Ele matou todos os outros homens, mas quando chegou minha vez, eu corri tanto que devo ter batido a cabeça em algum lugar, que nem percebi o quanto eu estava sangrando.

O demônio me perseguiu até aquele rochedo ali, foi quando caí no chão e vim rastejando nessa direção.

- E por que ele não te machucou?

- Não sei! Eu acho que ele não me enxergou.

- Você quer seguir conosco ou quer ficar aí até o dia amanhecer?

- Vou ficar! Não tenho coragem de olhar novamente nos olhos amarelos daquela coisa. Assim que amanhecer, eu irei sair daqui.

Os peões alimentaram o ferido e deram-lhe um rifle, em seguida foram para seus destinos. Gustavo e sua comitiva caminharam por mais de quarenta minutos mata adentro sem encontrar pistas do bicho, exceto as manchas de sangue espalhadas por quase todas as árvores e pedras.

- Vamos voltar – disse Gustavo.

- Não podemos senhor! E se tiver alguém vivo ainda? – retrucou o peão cujo irmão estava desaparecido.

Gustavo não acreditava que encontraria pelo menos mais um homem vivo, porém não podia desistir sem mais nem menos. Todo seu patrimônio estava em jogo, apesar dos muitos peões que provavelmente naquele dia tinham deixado esposas viúvas e filhos órfãos.

Parar a busca naquele instante seria evitar mais mortes, seria os pais retornando para suas famílias, seria dar uma nova chance para aqueles homens que sempre sofreram para sobreviverem, seria a desistência das desistências, porém de certa forma vitoriosa. Enquanto os homens descansavam, Gustavo meditava a possível desistência.

Se eles saíssem da floresta sem ter capturado o bicho, haveria até mesmo Gustavo de abandonar Trindade e pôr fim à promessa que fizera ao senhor Augusto. A responsabilidade lhe cobrava uma séria decisão. Cadê Rafael? Era ele quem tomava as decisões arriscadas.

Gustavo agora estava trancado em seus próprios pensamentos. Os homens viam a tristeza no semblante do rapaz. E agora, o que fazer?

Gustavo já havia decidido que eles iriam abandonar o "vale das sombras", só faltava falar para os homens o motivo da desistência. Reuniram todos em volta do rapaz e ele apenas deu um forte grito para todos pegarem suas armas.

O rapaz não foi mais rápido que o bicho, que de uma vez só arrastou dois peões para longe do grupo. Gustavo mudou na mesma hora sua opinião e saiu juntamente com o grupo correndo atrás do bicho.

O bicho corria e ao mesmo tempo estraçalhava os corpos dos homens no mato. Foi insensata a reação de saírem correndo atrás do bicho, pois a aberração conhecia muito bem aquela floresta; o demônio assassino deu uma volta por trás de todo grupo e apanhou outro caçador.

A gritaria e o espanto de alguns peões os levaram a tomar a decisão imediata de abandonarem a mata. Estes, no número de aproximadamente dezessete, percorreram outro caminho diferente do grande grupo.

Gustavo e os outros que ficaram unidos apenas ouviam bem de longe os gritos desesperados dos homens que tentaram abandonar o "vale das sombras".

Um dos peões sugeriu que eles deviam ajudar os outros homens, mas o senhor Pedro contestou que seria impossível porque eles já estavam bastante longe.

Provavelmente foi muito fácil para o bicho matar os dezessete homens porque eles haviam se espalhado pela mata. Gustavo agonizava com os gritos de pedido de ajuda, mas pensava consigo mesmo que, talvez o bicho devorando aqueles corpos, eles por sua vez sobreviveriam.

O bicho da fortaleza não queria carne, ele queria pôr fim a todo projeto de Gustavo. Aquela noite também seria decisiva para ele; não queria se alimentar, sua fome era matar um por um daqueles intrusos que invadiram o seu inferno.

Os peões não sabiam que o bicho era o caçula dos "Leites"; eles ignoravam que o demônio comilão fosse tão esperto como um homem. Agora seus olhos fixos não deixavam escapar o mais simples movimento de uma folha caindo.

Os gritos cessaram, os caçadores do grande grupo fizeram uma grande roda, cada qual voltado os olhos para mata. Como não sabiam de que lado iria vir o bicho, agiram deste modo.

Calaram-se todos, Gustavo mandou os peões acenderem rapidamente os lampiões e carregarem o mais depressa suas armas. As grandes árvores dançavam ao vento suave que soprava suas copas ao passo que os respingos da luz os banhavam em um pequeno clarão.

Bem próximo dos caçadores, as pequenas árvores foram sendo derrubadas. Alguns peões tremiam tanto que seria impossível acertar o bicho, por mais que atirassem.

O monstro fez isto para chamar a atenção dos homens para um lado só da floresta. Alguns peões que se encontravam de costas para o lugar onde as árvores estavam sendo quebradas não conseguiram permanecerem como estavam e viravam para a direção das árvores que estavam sendo derrubadas.

Gustavo gritava para eles tomarem suas posições, mas era em vão. Ninguém tinha ouvidos e tempo para se posicionar como Gustavo ordenara.

Os caçadores miraram em direção das árvores que caíam e começaram a disparar suas armas. Apesar de o plano estar indo por "água a baixo" o número de homens, juntamente com Gustavo, era de vinte e seis.

O rapaz gritou para os homens pararem de gastar munição, mas eles, movidos pelo medo profundo de seus corações, não pararam até voltar novamente o silêncio no meio da mata.

- Querem se transformar em presa fácil do bicho? Devem fazer o que eu digo e não agirem como loucos, carreguem suas armas logo, pois eu tenho a nítida convicção de que o bicho nesse exato momento está nos observando – falou Gustavo com muita raiva.

Os homens sentiram-se constrangidos, porém não tinham tempo para ressentimentos. Eles olhavam para todas as árvores tentando ver o bicho. O senhor Pedro pediu a Gustavo para tirar os homens do "vale das sombras" antes que eles também virassem vítimas da assombração.

Gustavo bem que queria tirar os homens da floresta, porém nem ele e nem um dos outros homens sabiam aonde ir. Eles perceberam que estavam em um

morro cheio de rochas, contudo não sabiam se deviam subir ou descer para saírem daquele lugar tenebroso.

Como a decisão não foi tomada, quanto à retirada ou então a arriscada caminhada para um lugar desconhecido, os homens permaneceram em roda.

Às três horas da manhã, aproximadamente, o bicho da fortaleza usou o mesmo meio para enganar os homens, que ainda estavam formando um círculo. Começou derrubando árvores pequenas próximas dali. Gustavo, pressentido a ação do bicho, mandou os homens permanecerem como estavam.

Os caçadores que ficaram em direção das árvores que caíam estavam muito temerosos, do outro lado, os que estavam de costas, incluindo Gustavo, ficaram com seus corações gélidos.

Em um instante, os caçadores viram o bicho correr em suas direções, alguns atiraram e viram o bicho cair no meio do mato.

- Senhor, acertamos o bicho – gritou um peão.

- É mentira – interrompeu Gustavo – não desvie seus olhos, pois o demônio está fingindo para nós nos desorganizarmos.

- Mas ele está se debatendo lá no meio do mato! – disse outro peão.

- Não vão lá, fique como estão. Ele é mais esperto do que qualquer um de nós – Gustavo respondeu enfurecido.

- Senhor Gustavo – disse seu Pedro – creio que eles acertaram o bicho "em cheio", faz uns oito minutos que ele está se debatendo no meio do mato.

Gustavo estava de costas para o incidente e não queria desmontar o círculo por nada. Mas a voz experiente do senhor Pedro o fez acreditar na possibilidade do bicho estar ferido em meio à relva.

O rapaz mandou seus colegas que estavam de costas irem andando do mesmo jeito que estavam até seus corpos baterem nos companheiros que estavam do outro lado do círculo. Assim os homens fizeram, ao virarem todos para frente, foram seguindo até o local onde supostamente estava o bicho.

Gustavo, com dois revólveres na cintura e um rifle de dez balas nas mãos, foi na frente de todos os outros caçadores, em direção ao bicho. Os homens resguardavam os outros lados.

Chegaram próximos do mato onde algo mexia sem parar. Os peões que estavam com Gustavo correram em direção das manchas de sangue que estavam espalhadas por todos os lados.

- É uma armadilha! – gritou um dos homens.

Muitos peões que vinham atrás não puderam reagir contra a velocidade e ferocidade do bicho. O demônio das profundezas das mais tenebrosas trevas jogou um dos homens que ele havia capturado na floresta naquele lugar, arrancou sua

língua e quebrou suas pernas, por isso o homem ficou se debatendo no meio do mato e fez os caçadores pensarem que tinham acertado o bicho.

O monstro, de supetão, pulou atrás dos homens, e com suas afiadas garras acertou os pescoços dos caçadores, cortando suas artérias. De prontidão, os outros peões reagiram ferindo o bicho com vários tiros, que saiu correndo novamente.

Gustavo voltou e viu seis homens agonizando na morte. Mandou dois de seus empregados ficarem com os feridos e ele e o restante dos peões perseguiram o bicho, que subia cambaleando em uma colina no meio do "vale das sombras".

Agora Gustavo tinha apenas dezesseis homens em sua presença. Ao alcançarem a colina eles viram uma mata aberta no meio do nada, um rio dividia o "vale das sombras" e do outro lado existia uma espécie de altar feito com pedras. Enfim julgaram ter encontrado a casa do bicho.

Os homens atravessaram sobre duas enormes árvores que estavam jogadas no meio do rio, provavelmente postas lá pelo bicho. Do outro lado, os homens subiram mais um pouco até próximo ao altar.

Gustavo via claramente parte de suas roupas jogadas ao chão e marcas de pés humanos e pés de bois na lama próximas do rio.

Nas proximidades do altar tinha um amontoado de pedras sobre vários ossos de bovinos e também caveiras de corpos humanos balançavam amarrados com grandes correntes presas às árvores.

O ambiente era assustador com tantos poços de sangue, couros de animais e pedaços de gente por todos os lados. O bicho estava há muito tempo matando pessoas por aquelas redondezas, pois para adquirir a forma humana precisava devorar carne humana.

A mata aberta apresentava ainda três grandes tochas de fogo feitas com as pedras e alimentadas por couro e gordura animal. O bicho marcara cada pedra com sangue e colocara as pedras maiores por cima das menores, tanto no altar como nas tochas.

- Homens de Fortaleza – disse Gustavo – hoje nós fizemos o maior avanço desta caçada. Descobrimos a casa do ser infernal. Fiquemos atentos aqui esperando por ele, pois será impossível este bicho ser mais astuto que nós, porque estamos em uma mata aberta e ele vai ter que vir aqui.

O monstro do meio da floresta ouvia tudo que Gustavo falava; ele sabia muito bem que os homens estavam receosos, mas de certo não podia aparecer do nada.

O bicho começou a fazer barulho dentro do mato, como os homens estavam em círculo ao redor do altar, cheio de sangue podre, ficava difícil tomar uma decisão e atirar quando o monstro mostrava a face. Era preciso o consentimento de Gustavo e também de todos para perseguir o demônio comilão.

- Gustavo – gritou o bicho da fortaleza com uma voz que se confundia com o berro do gado e rugidos de leão – deixa os homens e vamos resolver isso somente eu e você. Pare de ser medroso e permitir que outros morram em seu lugar. Você quis assim, agora é hora de decidir.

Gustavo tremeu ao ouvir seu nome da boca daquela coisa; o suor frio lhe correu pelas entranhas e ele sabia que não tinha forças para enfrentar o bicho sozinho.

- Se você fosse humano certamente eu cortaria sua cabeça – Gustavo em gritos respondeu – mas não passa de uma aberração condenada pelos seus próprios erros. Saia e nos enfrente em vez de ficar escondido na mata.

- Deixe seus homens irem e eu lhe apresentarei como homem. Se eles ficarem eu vou ter que matar a todos – retrucou o bicho.

- Eu dei a ordem para os homens me abandonarem, mas felizmente eles são fiéis a mim. Se você não aparecer iremos destruir seu altar. – Gustavo contestou.

O silêncio voltou à floresta, já era quatro horas e vinte cinco minutos da manhã e até o dado momento o bicho estava ganhando a batalha contra os planos de Gustavo. Era preciso um novo plano; o monstro estava por perto e muito ferido, mas faltava algo mais para fazer o plano valer.

Gustavo e os homens conversavam, sem abandonarem seus postos, sobre o que fazer para atrair o bicho para a mata aberta. O dia logo amanheceria e o bicho poderia partir para outro lugar.

Passados alguns minutos, três peões deram altos gritos. Os companheiros que estavam do lado deles nada puderam fazer se não correrem para o outro lado do altar de pedras.

- Foi o que? – Gustavo perguntou.

- O bicho jogouafiadas estacas contra nós e acertou três homens. – respondeu um dos peões.

O bicho passou a atirar pedras e estacasafiadas contra os homens. Queria ele, que os peões se dispersassem pelo "vale das sombras", como loucos sem caminho. Os caçadores revidavam, mas o bicho estava em vantagem, pois ele estava no escuro e os homens na luz.

O senhor Pedro foi atingido por uma pedra que abriu seu braço. Gustavo ajudou o senhor Pedro a se sentar no chão e pediu para ele ficar quieto para não perder muito sangue. Mas mal terminara de falar, outra pedra estourou a cabeça do senhor Pedro e ele caiu morto ao mesmo instante.

Depois de muito tempo, Gustavo chorou uma lágrima, não de piedade, mas sim de raiva. Queria abrir as vísceras do bicho nem que fosse com os próprios dentes. Enquanto o fazendeiro, único herdeiro dos "Leites" pensava em pôr um fim àquele tormento, seus homens sucumbiam ao seu lado.

O bicho tinha matado quase todos os peões com estacas e pedras; perto do altar tão desolado e enlouquecido estava Gustavo e outros quatro sobreviventes, sem saber o que fazerem.

- Homens, eu fico feliz por ter conhecido vocês, fico feliz por saber que mesmo sendo simples mostraram coragem. Não contentaram em desistir e voltar para suas famílias, mas agora quero que me obedeçam. Corra, corra, o quanto puderem. Ao chegarem à fazenda, peguem aquele povo e os tirem de lá o quanto antes; vocês vão me obedecer, nenhum de vocês vai ficar aqui comigo; essa guerra é minha. Eu vou distrair o bicho e assim que eu correr para o mato atrás dele, vocês vão atravessar o rio e somente pararão em Trindade. – disse Gustavo aos seus companheiros.

O bicho apareceu novamente na mata atirando pedras e estacas. Gustavo partiu em direção da aberração descendo lhe chumbo e os outros peões fizeram como o patrão tinha ordenado, fugindo através do rio.

O bicho correu um pouco mata adentro e ficou esperando Gustavo atrás de uma árvore, mas Gustavo foi mais astuto e voltou para a mata aberta. Lá enfiou uma corrente entre as pedras de uma das tochas e se escondeu novamente atrás do altar segurando a outra ponta da corrente, até o bicho perceber que não estava sendo perseguido e voltar.

O monstro voltou para a mata aberta e pensou que Gustavo também tinha fugido. O bicho passava as mãos sobre seus machucados e rosnava enfurecido, gritou tão alto para assustar os invasores que corriam desesperados pela floresta.

Gustavo friamente observava toda reação do bicho, contudo não podia agir enquanto ele não passasse perto da enorme tocha que queimava a gordura e o couro do gado. O monstro balbuciava palavras vãs, meneava a cabeça achando que tinha sido muito fácil conquistar Trindade, porém não sabia ele, que seu irmão estava mais sedento de vingança do que qualquer demônio que ele conheceria no inferno.

A aberração, ao aproximar se lentamente do altar, passou bem perto da tocha. Gustavo puxou a corrente com toda sua força, que toda gordura em chamas caiu sobre o bicho, o incendiando.

O monstro saltava berros de dor porque seu corpo havia se transformado em uma chama viva, cambaleava batendo no chão. Gustavo usou da sua impiedade e disparou todas as balas do seu rifle na cabeça do bicho, que tentava chegar ao rio para apagar as chamas.

O bicho se jogou na lama, mas Gustavo cravou-lhe uma estaca no pescoço, abrindo um grande buraco na aberração, depois pegou a mesma corrente que usara para puxar as pedras e a transpassou pelo buraco do pescoço do bicho. Mesmo assim, a aberração conseguiu ferir Gustavo com uma de suas garras.

Gustavo sangrou no peito e também queimou a mão quando passou a corrente pelo pescoço do bicho, que com muita dificuldade conseguiu se jogar ao rio. O rapaz viu o monstro desaparecer nas águas, achou que tudo estava acabado e agora a paz voltaria reinar em Trindade.

Graças a Deus, pensava consigo, o bicho havia sido derrotado; Gustavo queria chegar a Trindade e honrar seus bravos guerreiros. Queria que aqueles homens, juntamente com ele, reconstruíssem toda a fazenda e lá morassem até seus últimos dias.

O rapaz pisou em uma das árvores que fazia ponte sobre o rio, olhou mais uma vez para ver se o bicho tinha mesmo morrido e se aprofundado nas águas. Atravessava despreocupado, quando viu emergir das águas a fera que ele supostamente havia matado. Os grandes chifres ainda saltava fumaça enquanto todo o pelo havia queimado; o monstro estava bem mais feio do que era.

- Pensou que ia ser fácil se livrar de mim, Gustavo? – questionou o bicho bastante enfurecido.

- Você não morre? – Gustavo perguntou.

- Como pode matar o que já morreu?

O bicho deu uma patada em Gustavo, abrindo uma grande ferida em seu rosto. O rapaz caiu sobre tronco da árvore e sabia muito bem qual era seu destino, não sobreviveria para contar história.

O bicho desafiou Gustavo a ficar em pé e lutar como homem, porém o sangue tampava um de seus olhos e ele mal podia ver. Então o monstro batia suas patas de boi na árvore querendo que o rapaz caísse no rio.

O último herdeiro morreria e a fazenda ficaria para "Lucas", que em seguida aniquilaria os intrusos dos peões e tomaria posse de tudo. Esse era o pensamento de Gustavo, esta era a pergunta de Gustavo.

O rapaz se arrastava sobre a enorme árvore porque o bicho o tangia. Uma das mãos de Gustavo procurou na cintura os revólveres e a outra, estendida para o bicho, fazia sinal para o monstro se afastar.

- Veja só você, Gustavo! Parece uma criança medrosa, cheia de espantos no rosto. Vai pedir clemência ou vai sair correndo para um lugar que você nem conhece? – o bicho provocou.

- Vou pedir misericórdia! – respondeu Gustavo.

- Então peça!

Gustavo fingiu que iria implorar, mas se esforçou para mandar o bicho para o inferno, pois ele disparou seus dois revólveres na cabeça da aberração.

O monstro afastou-se um pouco, o sangue sulfuroso descia de sua fauce, mas a atitude de Gustavo deixou o bicho mais furioso ainda.

O bicho pulou para perto de Gustavo e o suspendeu pelo pescoço. Pronto! Tinha vencido a batalha, o rapaz quase morto mal podia ver a fera lhe sufocando.

As garras do bicho perfuravam a carne fresca do jovem rapaz, que tudo havia perdido para aquela "coisa" das profundezas. O único ânimo que Gustavo ainda tinha, fervilhava sua mente percorrendo toda a sua trajetória de vida.

O rapaz viu toda sua família e toda desgraça que aquela fera lhe causara, mas se lembrou das palavras do peão que foi levar o gado para a fazenda do senhor Antoni, que disse que, ao acertar o ombro do colega, o bicho saiu com medo. Lembrou também do outro acontecimento em que o peão ao fugir do bicho havia se ferido e o monstro não o matou por algum motivo.

Gustavo recobrou as forças, passou a mão na cintura procurando outro revólver. Ele estava desarmado e nada podia fazer; porém, do outro lado da cintura, grudado no cinto de couro, estava o espeto que fizera antes de entrar no "vale das sombras".

O rapaz puxou o espeto de pau e começou furar o próprio braço, o sangue logo caiu sobre as feridas da fera, que sentiu um fogo mais ardente que o fogo do inferno. O monstro soltou Gustavo e gritava desesperado, fazendo tremer toda árvore.

Gustavo rasgou o seu outro braço e enfiou na ferida presente na face do bicho. A agonia era tanta, que o monstro se incendiou com um fogo espontâneo, sua forma oscilava entre humana e boi.

A árvore escorregou da grande pedra que a apoiava, Gustavo se jogou do lado de cima do rio e o bicho caiu do lado de baixo. Gustavo segurou a corrente que transpassava o pescoço do monstro, e antes que a árvore afundasse totalmente, ele conseguiu amarrá-la firme na árvore, prendendo assim também o bicho, que debatia e afundava juntamente com o pesado tronco.

Gustavo nadou até a outra árvore que se apoiava no lajedo e de lá pôde ver pela última vez o corpo de Lucas debaixo do pesado tronco, amarrado em uma grossa corrente. O bicho havia se transformado novamente em seu corpo de humano.

O sobrevivente caminhou das cinco horas da manhã até as sete sem parar; quando saiu do "vale das sombras", subiu muito feliz por ter vencido o monstro.

No planalto de Trindade, o rapaz avistou o casarão e saiu, mesmo ferido, correndo em direção à sua casa. Muitos homens vinham a seu encontro, todavia não eram seus funcionários.

Para os senhores, meus caros sobrinhos, que tiveram acesso a estas cartas, não quero que sigam pensando que Gustavo foi um herói. Aqui estou eu, no final desta última carta, subtraindo toda a minha omissão e a minha culpa quanto aos

relatos dos verdadeiros fatos que ocorreram em Fortaleza de Veredasse não me revelar.

Escrevi subtraindo minha pessoa porque julgava que assim poderia descansar em paz, mas fui talvez o maior responsável por todas as mortes que aconteceram naquela terra, prejudicando assim vosso pai, vossa mãe e todos aqueles inocentes que eu conduzi para o “vale das sombras”.

Sou Gustavo, vosso tio, irmão de seu pai, Rafael. Não sei a razão pela qual fui motivado a escrever esses fatos, mas espero que me entenda e me perdoe se acharem que devam.

Continuando o relato. Fui surpreendido naquele dia em que venci o bicho da fortaleza, por autoridades da capital de Minas Gerais.

- Senhor Gustavo – disse-me o delegado e um inspetor de justiça – deve seguir-nos até a capital, pois fomos informados das mortes que o senhor cometera contra seu povo.

- Eu não fiz nada, foi o bicho – respondi.

- O senhor não poderá nos enganar com suas fábulas. O seu próprio filho nos contou as atrocidades que cometera à sua esposa, a seu sogro e ao sobrinho de seu sogro, sem contar com os muitos assassinatos que antes de ontem seus peões cometeram contra o povo da vila.

- Minha mãe? Cadê minha mãe? – perguntei desesperado.

- Provavelmente sua mãe foi morta por algum vingador. Pensa que fazer mal às pessoas fica de graça! – respondeu com sarcasmo o delegado.

- Não! Não! O bicho deve ter levado ela para algum lugar da fortaleza no "vale das sombras".

- Encontramos a charrete que conduzia sua mãe à beira da estrada, o cavalo e o peão estavam mortos, entretanto nós não encontramos sua mãe.

Naquele momento, quis correr para o "vale das sombras"; olhei fixo o horizonte, mas não conseguiria; eu estava bastante ferido e fraco. O delegado percebeu meu plano e disse que se eu tentasse fugir, não hesitaria em atirar.

Os homens, que eram meus guardas, me algemaram e conduziram-me até a vila a cavalo. No povoado, eu fui transferido para um carro que me levou até Belo Horizonte. Apenas na capital é que me permitiram tomar banho e trocar de roupas. Lá uma enfermeira cuidou dos meus ferimentos e uma semana depois eu fui julgado, pelo testemunho de meu filho, por mortes que eu jamais teria coragem de cometer.

- Rejo esse tribunal com justiça e equidade. Procuro fazer com que os culpados das suas faltas paguem aqui na Terra para que Deus lá nos mais altos dos Céus possa perdoá-los pelas suas ignorâncias. Senhor Gustavo, pelo fato ora apresentado contra ti, fica difícil inocentá-lo por não ter nada à sua defesa, exceto

sua história nada convincente para o júri aqui constituído. Por isso será condenado pelos seus crimes – essas foram as últimas palavras do juiz quando me jogou na prisão.

Meu tempo na prisão foi de onze dias, onze meses e onze anos. A partir da minha prisão é que passei a escrever o que havia acontecido em Fortaleza de Veredas. Assim que saí, estava com trinta e oito anos e fui atrás das provas do que havia ocorrido na Capital, na época em que Lucas foi enterrado.

Por sorte ou ironia do destino, não foi muito difícil encontrar o senhor Jonas, aquele delegado que havia acompanhado o caso "bicho da carneira". Ele me contou tudo com riqueza de detalhes do que havia acontecido também com eles, e disse que as autoridades os proibiram de contar a história para as pessoas.

Dois meses depois, eu fui para São Paulo atrás de Rafael, vosso pai; julgava que eu fosse encontrá-lo, contudo as mais nítidas informações disseram que ele estava morando próximo do bairro da Liberdade. Cansado de andar pela aquela turbulenta cidade, cheguei ao local indicado.

Do outro lado da rua, tinha uma mulher muito semelhante à Luana, vossa mãe, varrendo a calçada. Dentro da mercearia pude ver um sujeito alto e já com os cabelos grisalhos abraçando duas lindas garotas, provavelmente suas novas filhas.

O homem saiu da mercearia, era Rafael. Fiquei muito feliz ao vê-lo, juro que chorei, mas não tive coragem de ir até ele.

Rafael olhou em minha direção, parecia que ele também estava me reconhecendo e queria vir falar comigo, contudo os meus pensamentos ainda me atormentavam quanto à morte de Luana e por isso eu preferi sumir no meio da multidão naquele dia.

Aos poucos, eu fui refazendo minha vida em São Paulo e consegui abrir meu próprio comércio. Tornei-me amigo de Rafael. Embora ele sempre suspeitasse que eu fosse seu irmão, nunca tive coragem de dizer até o dia que ele morreu de velhice e feliz pela família que tivera.

A fazenda Trindade e a fazenda do senhor Antoni ficaram sob os cuidados do tutor do meu filho, até que ele completasse a maioridade de dezoito anos.

No dia que o bicho de Fortaleza foi vencido por mim, todo aquele fogo da tocha se espalhou pelos ossos e por toda a mata, queimando boa parte da floresta.

Eu não sei se Lucas Antunes conseguiu escapar novamente daquele rio, mas na minha última passagem por Minas fiquei sabendo que dois pescadores haviam desaparecido pelos lados do que eles chamam de Jequitinhonha.

Toda a vila de Fortaleza fora praticamente abandonada pelos seus habitantes e queimadas suas casas para não darem abrigo ao mal. Anos depois do incêndio na floresta, surgiram naquele lugar novos habitantes e, pelos contos que

ouviram do bicho de fortaleza, passaram a chamar aqueles grandes lajedos de "fortalezas" assim como era em nosso tempo.

Milhares de habitantes, em especial os do meio rural, dizem ver o bicho às vezes rondando suas terras para devorar suas crias. Alguns deles têm por costume amarrarem um animal distante das suas casas ou mesmo não prender as crias em dias de lua cheia; assim julgam que é melhor que o bicho encontre seu alimento mais distante das suas casas.

A história é conhecida por muitos brasileiros que já defrontaram com o bicho ou que já foram no Vale do Jequitinhonha.

A única coisa que me intriga até hoje é o que aconteceu com a senhora Cândida; ninguém soube explicar como ela desapareceu sem deixar nenhuma pista.

Atualmente Fortaleza de Veredas, Trindade e todas as terras incluindo o "vale das sombras" fazem parte da cidade de Pedra Azul, localizada no Vale do Jequitinhonha. No mais, espero que me perdoem e acreditem no seu velho tio de oitenta e três anos, porque os fatos foram verdadeiros e eu dou fé.

De seu tio: Gustavo Murrae Parlonne “Leite”.

Referência de imagens

Fundo Canva < floresta.

Imagem monstro pendleburyannette por Pixabay

Imagem luas Susan Cipriano por Pixabay